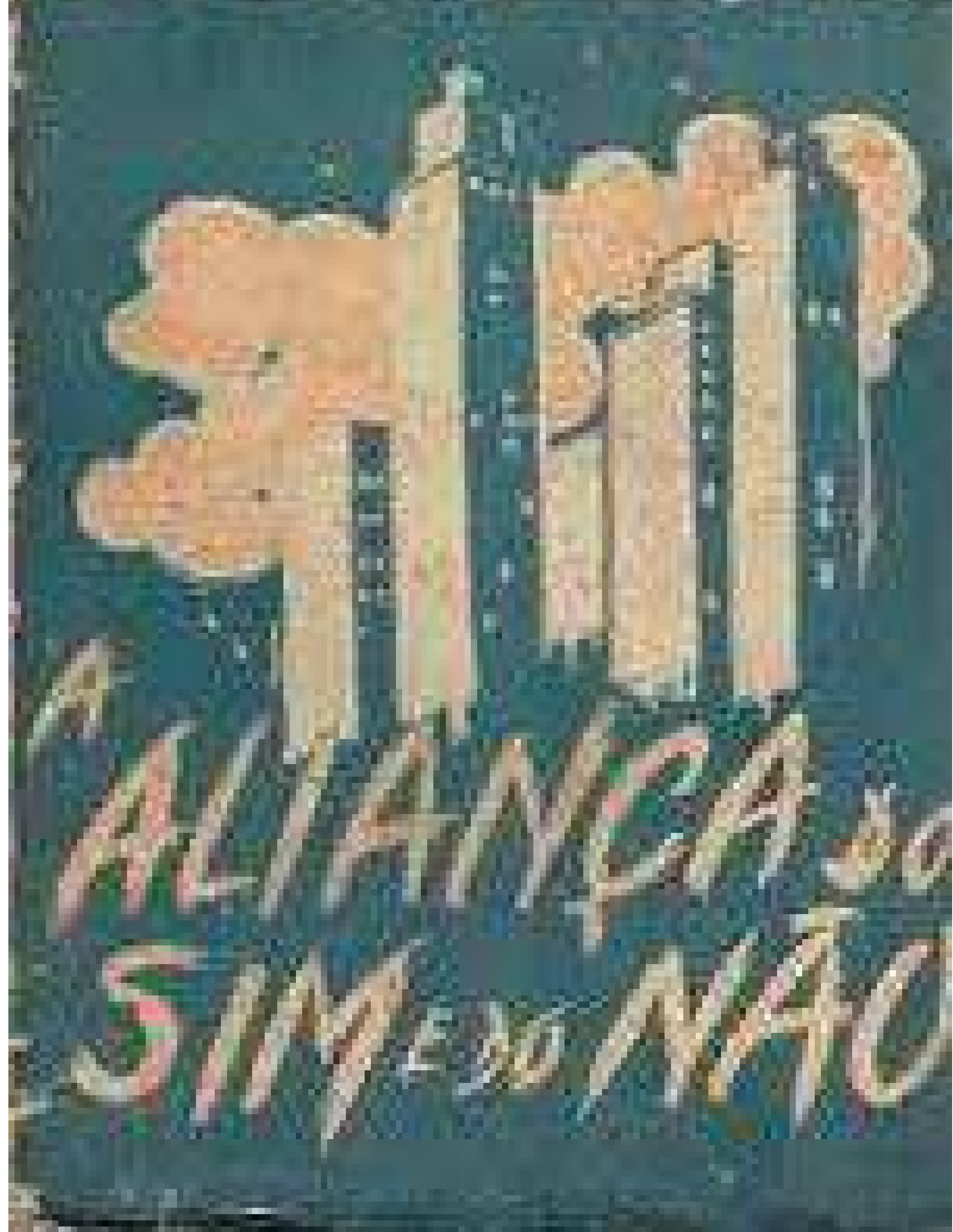


CLINIO BALGADO



EDITORIAL PRESENÇA



A ALIANÇA
DO SIM E DO NÃO

seguida de
O MISTÉRIO DA CEIA



PLÍNIO SALGADO

1945

NOTAS DOS EDITORES PORTUGUESES

Publicar o presente volume foi idéia que surgiu da repercussão, em Portugal, da conferência de Plínio Salgado, no Seminário dos Olivais, sob o título "Pensamentos de ontem e tragédia de hoje". Aquela peça oratória despertou tanto interêsse que solicitámos ao autor a necessária licença para a enfeixarmos na forma duradoura do livro.

Plínio Salgado, porém, fez-nos esperar algum tempo. Ele procedia a uma larga remodelação do seu trabalho, ampliando-o, enriquecendo-o de novos temas e motivos, de modo a transformar a palestra, que se destinara a um auditório restrito, numa conferência de grande envergadura, destinada a um numeroso público.

Sob a nova forma, predominou o tema que ao trabalho emprestou o título: as contradições de uma sociedade

que, em todos os países, dizendo-se cristã, vive uma vida oposta em tudo às suas crenças religiosas. É “A aliança do Sim e do Não”.

Com essa legenda, Plínio Salgado compareceu no Teatro Nacional D. Maria II, a convite da Juventude Independente Católica Feminina, e proferiu a sua empolgante oração tribunícia.

Para se ter idéia do que foi aquela conferência, e também para registrar na portada dêste volume o acontecimento que a mesma constituiu em Lisboa, transcrevemos algumas frases do noticiário dos jornais que largamente se occuparam do assunto.

“Novidades” insere, além da pormenorizada notícia, o seguinte comentário:

“Teatro feito templo: a arte e o saber de um orador eloqüentíssimo feitos prece, e apêlo, e imprecação candente.” E mais adiante: “Plínio Salgado foi ontem extraordinário: — voz de fogo capaz de atear incêndios, que levantou uma sala em apoteose fremente...”

O “Diário de Notícias” diz que a conferência “...despertou no público, pelas idéias, pela maneira por que estavam enunciadas, pela linguagem expressiva e até pela vibração de certas passagens, grande interêsse e aplausos frementes de entusiasmo.”

O “Diário de Lisboa”, num artigo de fundo, em que se tecem largos comentários, publica, entre outras, estas considerações: “Tocou numas das chagas do século e fê-lo de maneira a aplicar-lhe o ferro em brasa. Dada a sua cultura religiosa, filosófica, literária e social, o autor da “Vida

Seriam necessárias muitas páginas para reproduzir, ainda que resumidamente, o que escreveu a imprensa e o que disseram e continuam a dizer quantos assistiram à conferência do ilustre escritor brasileiro. Limitamo-nos, portanto, a transcrever as palavras com que Sua Eminência o sr. Cardial Patriarca de Lisboa se referiu aos processos e recursos do orador, imediatamente após tê-lo ouvido no Seminário dos Olivais, onde o autor da "Vida de Jesus" pronunciou a peça oratória de que se originou "A aliança do Sim e do Não". Essas palavras, registou-as o jornal "Novidades", de 8 de Março do ano corrente, pela seguinte forma:

"Sua Eminência agradeceu a preciosa lição do orador, tão bela, tão completa e tão perfeita, em que se revelaram saber extenso, esplendor de forma, viveza de imagens, pro-

fundidade de pensamento, rigor de crítica, calor do coração. Nada lhe faltou. E, a sobredoiar tudo, um grande amor pessoal ao Divino Mestre, aquêlê amor generoso e vibrante que nos une e nos torna irmãos e é a riqueza tôda da nossa vida. Declarou Sua Eminência que já conhecia Plínio Salgado, principalmente através da "Vida de Jesus", há pouco publicada em Portugal. Agora, ficava a conhecê-lo, não apenas como escritor e orador, mas também como homem. Na sua conferência palpitou e fulgiu tôda a sua alma de brasileiro e de cristão."

Depois de tudo quanto acima vem transcrito, compreende-se o empenho manifestado por "Edições Ultramar" no sentido de oferecer em livro, ao público português, "A Aliança do Sim e do Não", incluindo, para completar o

volume, a palestra feita pelo autor ao microfone da Emissora Nacional, sob o título "O Mistério da Ceia", por ser este um trabalho que foi ouvido com a maior emoção em Portugal.

Embora falte à obra escrita aquêlê fogo palpitante e comunicativo que, em tantas passagens da conferência, "incendiou os corações, os pensamentos e as almas de um cultíssimo auditório", é do máximo interêsse, aos que ouviram e aos que não ouviram Plínio Salgado, meditar sôbre as verdades que êle diz e que constituem a sua mensagem de amor à Pátria de que nasceu a sua Pátria, mensagem aos povos meridionais e católicos, para que retomem a sua posição em nome dos valores do Espírito, na construção de um mundo mais digno e mais justo.

A substituir o fascínio da palavra falada, encontrar-se-á neste livro o encanto da forma estilística, muito mais de observar-se em recolhida leitura do que no ardor de uma rápida audição.

É, pois, com justificada satisfação, que "Edições Ultramar" iniciam a sua actividade, lançando no mercado, como seu primeiro livro, o trabalho de "um escritor que tão alto e com tanta sinceridade e consciência, cultua os nobres pensamentos cristãos", vazando-os nas formas puras "da mais genuína estirpe lusitana".

Lisboa, Maio de 1944.

Os EDITORES

A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO

O TEMPLO DAS MÁQUINAS

Em 1867 realizou-se em Paris uma grande exposição das indústrias do século XIX. Ao deslumbrante certame compareceram os chefes de Estado de quasi tãda a Europa, os quais se fraternizaram exprimindo, diante das multidões originárias das cinco partes do mundo, os seus propósitos de paz e de concórdia, sob a égide da ciência e do progresso técnico.

Por singular coincidência, a assembléia das máquinas assentava suas tendas no famoso Campo de Marte, logradouro das paradas militares, a evocar, pelo nome, o deus flamejante das batalhas. O momento festivo, porém, não dava conta de tão desagradável augúrio. Tudo era júbilo na planície rasgada à margem do Sena, com silvos de sirenas e o colorido das bandeiras de tãdas as nações.

O palácio dos mostruários, formando majestosa elipse (1), dividia-se em sete galerias concêntricas seccionadas por numerosas ruas transversais que iam terminar no gracioso jardim aberto ao centro do edificio. O conjunto architectônico assentava num vasto parque semeado de construções menores: mesquitas, pagodes, teatros, quiosques, fontes e estátuas.

Dentro e fora do grandiloquo templo da civilização, ostentavam a glória de seus produtos 42 mil expositores dos países mais adiantados da terra. Tudo o que a ciência e a técnica haviam elaborado em meio século de pesquisas e de esforços, vinha ali estadear-se na emulação do concurso e estímulos da competência.



Como progredira a humanidade em cinquenta e poucos anos! Os visitantes, a formigar na portentosa feira, viram pela primeira vez aparelhos e maquinismos revelando no mágico funcionamento o domínio crescente do homem sobre a natureza. Era olhar e pasmar... O telégrafo Morse aperfeiçoado pelo transmissor automático de Siemens e melhorado com a impressão de caracteres pelo sistema de Digney; o tonómetro de Scheibler medindo o número de vibrações do som; o meteorógrafo do Padre Secchi assinando as previsões do tempo; o espectroscópio de Bunsen e Kirchhoff descortinando a identidade da composição química do universo sensível; os faróis de Fresnel aperfeiçoados por Stevenson, garantindo a segurança dos nautas; os tubos de Geisler prenunciando com suas côres de magia o sortilégio dos électrons; a balança metalo-métrica de Roselem facilitando a galvanoplastia de Cristofle; o freio eléctrico de Achard para conter a marcha dos combóios; o ter-

mo-reômetro de Gaiffe; o pirométrico de Mousseron; o calorímetro de Golaz; o pantelégrafo do Padre Caselli, transmissor de fac-símiles; os cabos submarinos de Ratier e de Hooper, portadores do pensamento a tôdas as latitudes e longitudes; os sinaleiros eléctricos de Sartori; o telescópio de Secretan; o microscópio notabilíssimo de Nachet; os aparelhos geodésicos de Balbreck; os fogões de Bailly; o contador de gás de Glover, o pan-dinamómetro de Hirn... (2).

Era, na verdade, o Panteon dos novos deuses, como o antigo também soerguido no Campo de Marte. Novos deuses: rebrilhantes no aço polido, no vidro luzente, cantando com os estrídulos ruídos e os sons mais estranhos, uma sinfonia desconhecida e bárbara marcada ao compasso das faíscas eléctricas, do bater de pálpebras dos faróis e da convulsão dos êmbolos e das alavancas. Novos deuses: abstrusos, ofegantes, nervosos, sugando a água do rio a alimentar os lagos, movimentando febrilmente os teares e os fusos, escrevendo nas fitas telegráficas, acendendo na noite festiva a aurora fantástica dos tubos fosforescentes...

*

*

*

Espalhados ao longo do parque, em alas solenes em torno do templo da ciência e da técnica, 32 locomotivas, 90 máquinas fixas a vapor, dezenas de motores, de linhas

bizarrras e vários sistemas, e a multifária exibição de Creusot sobre mecânica geral, dispersa na desordem procurada de um *bric-à-brac* de gigantes. Os monstros, muitos dos quais faziam a sua entrada na História, resfolegavam, e bramiam, e silvavam, soltando baforadas de fumo numa extensão de cinco quilómetros.

Sobressaindo entre os Briaréos de ferro, entumesciam-se numa ânsia de galgar o espaço, à maneira de aves anti-diluvianas, o aerostato de Glaisher, o grande balão de Nader, e realizava seus vôos de experiência o ascensor de Flamarion e de Godard.

Promissora novidade, aparecia, para aplicações na navegação aérea, o motor de explosão, de Louvrié, com explicações sobre a intermitência de seus impulsos e dos resultados na anulação da força de gravidade.

O pequeno motor pulsava à cadência explosiva das gotas de petróleo e, se os homens pudessem prever o futuro, veriam nêle o implacável coração de ferro que hoje palpita indiferente sobre as ruínas das cidades incendiadas e dos homicídios em massa das populações inermes.

*

*

*

Mas o que sobressaía naquela exposição-síntese do século XIX eram as máquinas a vapor. A experiência de Newcomen, no esgotamento das águas estagnadas das hu-

lheiras, fôra desenvolvida por Papin e Watt, resolvendo-se o problema da tracção e da utilização do vapor nos mais variados fins industriais.

A quasi unanimidade das usinas metalúrgicas dos países mais adiantados ali se fazia representar: eram as máquinas de Penn, as de Schneider, as da companhia "Forges e Chantier" e outras, destinadas aos grandes transatlânticos e navios de guerra, tendo por objectivo a conquista rápida das distâncias e fazendo pensar na prodigiosa evolução técnica vencida desde o invento de Fulton em 1804; eram martelos, bombas, guindastes, tractores, locomóveis accionados a vapor e realizados por fabricantes de nomes internacionais variados e bizarros; eram locomotivas devoradoras de léguas, dos mais diversos tipos; e, nesse panorama de caldeiras, cilindros, eixos, pistons, bielas, cavilhas, rodas, discos, reguladores, transmissores, na palpitação mecânica dos músculos de ferro tangidos pelas eternas leis do movimento, — levantava seu longo pescoço de aço e abria sua bôca negra, como diabólica sibila a anunciar uma nova era, a formidável peça de artilharia de Frederico Krupp.

*

*

*

Dominava tudo. O seu perfil, de negro luzente, parecia um dedo em riste chamando a atenção e impondo silêncio. Atenção às indústrias dos homens para tudo o que elas poderiam criar de mau se entregues a si mesmas e à livre concorrência preconizada pelos mestres do naturalismo eco-

nômico. Silêncio à buliçosa massa popular para que meditasse sôbre os destinos de uma civilização que a vaidade do tempo tornava imprevisível.

Documento do mais alto significado — não tanto pela sua forma belicosa, mas pela composição do material empregado no seu fabrico — anunciava o advento de um ciclo da economia e da política ainda mal percebido, mesmo pelos espíritos mais argutos: o ciclo siderúrgico, ou seja o do processo mais eficiente da fundição do ferro e da preparação do aço, outorgando, em definitivo, o cetro do mundo às nações possuidoras da hulha e prenunciando as iminentes conseqüências que, dêsse facto, aquela mesma Paris, eufórica e festiva, iria experimentar dentro de três anos!

*

*

*

Ao som da *Marselhesa* — canção de tôdas as liberdades desfraldadas — o imperador Napoleão III inaugurou o deslumbrante concêrto internacional das máquinas. Sorriam fraternalmente, ao seu lado, Guilherme I, rei da Prússia, e o Czar Alexandre II, êste bem pródigo em gentilezas para com o seu vizinho meridional, o Sultão Abdul-Amid I, da Turquia. Belas amizades que o tempo em breve iria desmentir... (3)

A multidão de centenas de milhares de espectadores, exprimindo-se nos mais variados idiomas, ao contemplar a

cordialidade dos Chefes de Estado e ao considerar o progresso da técnica e das indústrias do século, prorrompeu em frenéticas ovações (4). E todos quantos, comovidamente acreditavam nos felizes resultados materiais e morais que a ciência deveria trazer à Humanidade, exclamavam:

— Venturosos os filhos dos nossos filhos e mais venturosos ainda os netos dos nossos netos, porque êste é verdadeiramente o *século das luzes*, o qual, encerrando os dolorosos tempos do obscurantismo religioso, está a lançar a semente da paz definitiva e da concórdia universal; bendita árvore a cuja sombra acolhedora o Género Humano enfim repousará!

VOZ PROFÉTICA

Quando assim se manifestavam as multidões embevecidas, uma voz se levantou, corajosa e varonil como a d'Aquele mesmo em cujo nome falava. Essa voz chamou à luz da razão os homens de boa vontade.

Foi a voz de Pio IX, pontífice mártir, profeta dos nossos tempos, incansável na faina de separar o joio maléfico, semeado pelas trevas no bom trigo de Deus.

Ninguém como êle, ninguém como êsse nunca assaz admirado e louvado sucessor de Pedro, lutara até então de maneira tão dramática, a enfrentar hipócritas inimigos disfarçados por nobres ideais e sedutoras promessas. Envolvido nas tramas da política internacional, como outrora Jesus entre os partidos da Judéa, e aparentemente respeitado para na realidade ser ferido em tudo quanto lhe era mais caro, o Grande Chefe da Igreja atacou frontalmente os erros, quer eximindo-se à tutela de um regalismo protector, quer ao fascínio da demagogia que pretendeu empolgá-lo na aura das fáceis popularidades. Êle revigorou a nossa fé, proclamando o dogma da Imaculada Conceição e patenteou ao mundo a unidade espiritual católica, concretizando no dogma da Infalibilidade a palavra imortal de Cristo em Cesa-

reia, ao fazer de Simão Barjona a pedra sôbre a qual se ergue o edificio de um novo mundo.

Injuriado, perseguido, abandonado pelos poderosos, ninguém melhor do que Pio IX viu no século XIX a traidora composição dos acontecimentos a preparar o combate decisivo contra a sociedade humana inspirada nas harmonias do Criador. Por isso, a sua voz se ergueu aos ecos da famosa exposição de Paris. Fulgurante como a espada, cortou na confusão os limites entre a verdade e o êrro. Ela ressoa hoje aos nossos ouvidos com um timbre ao mesmo tempo tão antigo e tão novo que, ao ouvi-la, temos a impressão de escutar Aquêlê a quem tanto amamos, ao transmitir suas últimas instruções aos discípulos na Ceia involvidável, como temos a impressão de surpreender os secretos anseios da alma contemporânea nos dias trágicos que vivemos.

A palavra de Pio IX foi sofismada pela fatuidade dos livre-pensadores, pitorescos figurões de que Flaubert nos oferece uma fotografia expressiva no inefável senhor Homais. Todos os senhores Homais da franco-maçonaria, do liberalismo, do socialismo, do anarquismo, da literatura irresponsável, acusaram Pio IX de inimigo do progresso, não trepidando em afirmar que o Sumo Pontífice condemnara a exposição de Paris.

Doentes da moléstia do facciosismo, que caracterizou o sentido geral do século XIX, êsses homens tinham perdido a capacidade de estabelecer distinções e de apreender os planos dos conceitos na perspectiva de um pensamento.

A calúnia chegou até nossos dias e abrange agora a

todos nós, católicos, acusados de adversários do progresso cada vez que nos insurgimos contra imoralidades falsamente baseadas em conquistas científicas.

As festas de Paris, no que elas tinham de representativo das pesquisas de laboratório e realizações das usinas, evidente que não incorriam em reprovação da Igreja; e tanto assim era que, entre os expositores do Campo de Marte, figurava, como vulto de primeira grandeza, um sacerdote, o Padre Secchi, director do Observatório dos Estados Pontifícios.

O que havia de reprovável no grande acontecimento era o sentido materialista que lhe davam os comentários dos jornais e a propaganda subtil das sociedades secretas que, no ano anterior — conforme regista em Carta Pastoral escrita na prisão em 1875, o grande Bispo brasileiro D. Vital (5) — propunham como programa, “Substituir a fé pela ciência; desviar do espírito a vã preocupação de uma vida futura e o feiticismo de uma providência pronta a socorrer tôdas as misérias; e realizar a justiça em vez de promettê-la num mundo incógnito”.

As correntes filosóficas em moda tiravam partido dos progressos técnicos para negar a existência de Deus e a immortalidade da nossa alma e, muitas vezes — o que é ainda

pior —, aconselhavam a abstenção completa das cogitações acêrca das origens e finalidades do Universo e do Homem.

Surgia o agnosticismo, a mais orgulhosa das formas de negar, porquanto negar já é ao menos considerar, enquanto abster-se, numa attitude de imparcialidade displacente, é negar falando a linguagem do desprezo, idioma preferido pelos anjos rebeldes que o orgulho perdeu.

A concepção materialista da História compendiara-se havia pouco no manifesto de Marx, publicado em 1849. A sua linha revolucionária derivava das próprias filosofias burguesas. Servia-se dos princípios da economia lançados pelos fisiocratas e desenvolvidos pelos clássicos da escola liberalista, que prescreviam a livre concorrência despida de todos os deveres morais oriundos do temor de Deus. As conclusões catastróficas do marxismo, destruidor dos grupos naturais em que assenta o respeito à “pessoa humana”, defluíam, portanto, das doutrinas suicidas de uma sociedade que fez do próprio individualismo, divorciado dos deveres do Espírito, o veneno corrosivo daquelas mesmas liberdades tão altisonantemente reclamadas.

Os governos de então, em prosseguimento à onda revolucionária que, depois do Congresso de Viena em 1815, foram represando em seu próprio proveito nas comportas das Constituições, entregavam-se ao culto do monstro da popularidade e velavam apenas pelos progressos materiais.

Começava o período histórico, ainda não terminado, que se distingue principalmente pelo fanatismo das palavras ocas e pela idolatria das frases de sentido abstracto com que se pretende substituir a disciplina religiosa.

A orientação da juventude dirigia-se no sentido de uma filosofia que encontrou milhões de adeptos: a filosofia do êxito, consequência natural do paganismo, a que se chamou falsamente espírito do progresso. Era a sedução dos gozos que o dinheiro faculta e as altas posições facilitam. Já não se apontavam, como exemplos, as vidas dos sábios e dos santos, porém a dos que mais depressa se enriqueceram ou mais rapidamente atingiram os cargos de prestígio. Os cientistas, absorvidos pelas experiências do laboratório; os industriais, empolgados pelo aperfeiçoamento de seus produtos; os comerciantes, empenhados na concorrência mercantil; os políticos, febricitantes na manipulação do sufrágio e no jogo das lutas parlamentares; os funcionários, sedentos de promoções; as mulheres, inebriadas pelo exhibitionismo do luxo; os artistas, correndo a perseguir a fama, e, entre estes, os escritores, transitando do subjectivismo romântico para o objectivismo parnasiano e realista, isto é, passando do culto das paixões para o culto das serações — todos, explicita ou implicitamente, proclamavam a necessidade imperiosa de auferir as vantagens de uma vida que, sendo curtíssima, terminava na terra.

Esse o panorama psicológico dos meados do século XIX, em cuja atmosfera se levantava, com o mesmo espírito da torre de Babel e da frase tentadora da serpente, a assembléia majestosa das máquinas no palácio da grande exposição.

A palavra de Pio IX ressoou com o acento dos antigos profetas.

Parece-me que estou a vê-lo, o ancião heróico, o intemerato batalhador contra um inimigo que tão hábilmente se esconde e tão de perto conhecemos todos nós, os que algum dia nos temos levantado pelo muito amor que consagramos a Jesus.

Ei-lo, o Chefe da Cristandade, vestido de branco diante dos peregrinos que naquele ano o visitam. A sua expressão fisionómica tem qualquer cousa de amargo e ao mesmo tempo os traços firmes dessa fortaleza que provém dos íntimos convívios com o Espírito Divino. Brilha nos seus olhos uma luz penetrante; dir-se-á que atravessa os espaços geográficos e contempla à face de tôda a terra a loucura e o sofrimento dos homens; dir-se-á que atravessa o tempo e nos contempla, nesta hora em que um outro Pio se ergue, como a nossa única esperança, enquanto nos confrangem as explosões dos ódios e o estridor mortífero das guerras, que não podemos saber se em verdade constituem o fim ou o "comêço das dores".

Os peregrinos comovidos escutam. E Pio IX exclama:

— "O homem não veio ao mundo unicamente para enriquecer e ainda menos para gozar. Porém o mundo ignora isto; esquece o espírito e dedica-se à matéria. Este mundo de que vos falo não é meu; eu não sou do mundo. Também não é vosso, ó vós que me escutais; vós viestes aqui pelo espírito e com boas intenções. É por isso que eu espero que leveis da Cidade Santa uma impressão salutar. Por piedade, meus queridos filhos, lembrai-vos que

tendes uma alma, uma alma criada à imagem de Deus, e que Deus vos julgará. Eu vo-lo suplico: occupai-vos mais da alma do que das especulações, das indústrias, das vias-férreas e de todas essas cousas que constituem os bens dêste mundo. Não vos proíbo, todavia, que vos interesseis por êsses bens passageiros; mas fazei-o com justiça e moderação, eu vo-lo suplico novamente. Lembrai-vos, antes de tudo, que tendes uma alma!" (6).

Grande Pontífice, a sua voz, que hoje compreendemos na mais dura das experiências, ressoa como um protesto do Homem que quer exercer seu legítimo domínio sôbre a ciência, no instante em que pretendem, invertendo os papéis, torná-lo escravo dessa mesma ciência e instrumento passivo das máquinas (7).

III

O "SÉCULO DAS LUZES"

Quando, em 1899, os filósofos materialistas deram um balanço nas realizações humanas desde os fins do século XVIII até ao alvorecer do século XX, êles não puderam calar o seu entusiasmo.

Buchner, um dos muitos popularizadores da ciência, não se conteve que não atirasse uma pedra ao cristianismo; e, dando como liquidado o ciclo da civilização cristã, prenunciava: "O século XX terá, sem dúvida, por papel, conciliar a ciência e os costumes, a vida intelectual e a material, o ideal e a realidade e de levar enfim à pobre humanidade atormentada pelas dúvidas e incertezas, essa paz de espírito, êsse equilíbrio moral que lhe fazem falta desde tão longo tempo" (8).

Na verdade, a marcha da ciência fôra velocíssima. A física enriquecera seus conhecimentos sôbre o movimento e a energia criando a era industrial do vapor e prenunciando a era da electricidade; penetrava no segrêdo das moléculas e estabelecera conexão entre a matéria orgânica e inorgânica, no campo dos átomos abrindo novos horizontes à química e a tôdas as outras ciências naturais; descobriu o raio X e as ondas hertzianas; ampliara o campo da termologia, da acústica e da óptica e interferira na astronomia

irmanando-a com a química, pela utilização dos aparelhos de análise espectral, que revelaram a composição da matéria dos astros. Por sua vez, a química, retomando sem constrangimento a preocupação alquimista da pedra filosofal, entrou largo e fundo na pesquisa da unidade da matéria possibilitadora da transmutação dos elementos ou corpos simples; ela chega ao fim do século fabricando pedras preciosas no forno eléctrico de Moissan e devassando o segredo das estruturas orgânicas; mas irá mais longe, descobrindo a maravilhosa linguagem da energia no recesso dos átomos. A geologia e a paleontologia desceram o espesso véu do passado remotíssimo da terra e da vida. A arqueologia irmana-se à ciência da história e actualiza os aspectos das velhas civilizações. A biologia, a etnografia, a antropologia alargam e aprofundam seus domínios oferecendo novos cabedais à sociologia, à economia e ao direito. Da anatomia nasce um novo ramo, desde a descoberta, por Schwann e Schleiden, da célula viva; e, ao avanço da histologia no conhecimento íntimo dos tecidos, vem juntar-se a teoria de Virchow, transferindo para o campo das investigações patológicas êsse novo dado à solução do problema das enfermidades. Como consequência da teoria celular, surge a ciência da embriologia e a revelação do protoplasma descoberto por Max Schulze em 1863; e, no encadeamento sucessivo das pesquisas, a fisiologia vai servir-se das soluções já conquistadas para penetrar nos íntimos arcanos da vida, desde o fenómeno da reprodução dos seres organizados até ao mecanismo das sensações nervosas. Nessa perigosa fronteira, a psicologia experimental, depois do

trânsito pelo estudo das emoções e das paixões, vai bater à porta da alma e, resumindo todo o orgulho científico, brada com violência: revela-te, responde-me, ou proclamarei que não existes! (9)



Ao inaugurar-se novamente em Paris uma outra exposição, em 1900, o progresso atingira altíssima plana, prenunciando as realizações dos dias que vivemos. Novos nomes, até então, se haviam acrescentado à glória das ciências: Claude Bernard, Pasteur, Erlich, Kock, Wasserman, revolucionando a medicina; Edison, Branly, Marconi, Graham Bell, os irmãos Lumière, inventores da lâmpada eléctrica, do telégrafo sem fio, do telefone, do cinematógrafo; o casal Curie e seus colaboradores, decifrando novos enigmas do cosmos; e, em todos os campos das actividades experimentais, novos nomes, novos inventos, novas revelações e prodígios.

No entanto, apesar de tudo, a humanidade não era feliz. Os próprios pensadores materialistas confessavam-no abertamente. De todos os lados surgiam os falsos profetas tentando resolver o complicado problema dos destinos humanos. Numerosas soluções e variados sistemas se ofereceram à consideração da humanidade; mas cada qual trazia, ou a unilateralidade oriunda da deformação profis-

sional, ou a eiva do personalismo, ou o vício dos países de que se originavam.

O homem, volvidas as costas aos fundamentos espiritualistas do seu destino, perdera o senso das medidas e proporções. Tendo sido o século XIX, pelo seu carácter de pesquisador da natureza, um século extremamente analista, o homem que nêle viveu, à fôrça de analisar, isto é, de considerar aspectos isolados dos fenómenos, tornou-se incapaz de conceber grandes sínteses pela apreciação do conjunto dos factores componentes da totalidade universal. Deduziu vastas generalizações de simples acidentes. Cada ramo das ciências particulares, pretendeu criar um sistema filosófico baseado nas observações dos seus restritos objectos.

A concepção espiritualista do mundo, o vaidoso "homo sapiens" deu a denominação de "geocentrismo", demonstrando, de telescópio em punho, que a terra não era o centro do universo nem o homem o centro da Criação, como se as verificações dos cálculos de Copérnico e de Newton pudessem abalar os fundamentos da Verdade Revelada que transcende dos métodos adequados ao experimentalismo das ciências particulares.

Entretanto, negando o Criador e o destino superior da criatura humana, o homem-científico construiu sistemas filosóficos baseados na própria criatura humana, tornada medida de si mesma, chave interpretativa do cosmos e reguladora das leis morais e da ordem social. Nada mais *egocêntrico* do que essa concepção materialista da vida...

Ela é, porém, a inspiração mestra dos variados e aparentemente antagónicos sistemas filosóficos do século XIX.

Os pensadores e sistematizadores desse período histórico, originam-se da idéia nuclear dos enciclopedistas do século XVIII, entre os quais Rousseau é o mais expressivo com o seu conceito do “homem natural” e o seu individualismo traduzido no “contrato social”.



A oposição que todos êsses teorizadores manifestam ao Cristianismo, tem um carácter evidentíssimo de libertação dos elos morais e das sanções da consciência, inibitórios da expansão do individualismo sem peias.

Sendo o Cristianismo o defensor supremo das prerrogativas da “pessoa humana”, cuja integridade e intangibilidade êle preserva, traçando nitidamente as normas das acções segundo um ritmo de moralidade cuja medida é a Lei de Deus, por isso mesmo se opõe aos impulsos da loucura individualista e incorre no ódio dos que fizeram do egoísmo o ponto de apoio em que pretendem assentar a alavanca da revolução para levantar o mundo em seu proveito.

O positivismo de Comte, criando uma divindade irreal, no culto de uma humanidade abstracta, e abstendo-se da consideração da metafísica, isto é, desligando o Homem dos seus compromissos para com Deus, apresenta-se como um verdadeiro egocentrismo materialista, traçando a pantómetra a figura do próprio homem no objecto da sua adoração.

O evolucionismo de Spencer, baseado nas leis do materialismo, reflectindo os impositivos do "struggle for life" e da selecção dos mais aptos, não deixa também de tomar o homem como centro do universo, uma vez que o "sapiens" de Lineu é o mais aperfeiçoado dos animais e mesmo o único que escreve livros e constrói filosofias.

Do criticismo kantiano e do idealismo hegeliano, nada precisamos dizer para demonstrar como se baseiam nas faculdades intellectivas do próprio homem, — centro, por conseguinte, interpretativo e crítico dos fenómenos universais.

O pragmatismo de William James. dêle basta lembrar que é a filosofia do utilitarismo de Wall-Street, e teremos dito tudo para evidenciar que também toma o homem como base de uma civilização profundamente individualista ⁽¹⁰⁾.

Como consequência de tôdas essas correntes do pensamento e do cientifismo experimentalista de Lamarck, Darwin, Wallace, Haeckel e dos seus predecessores no século XVIII, cujas raízes mais remotas se embebem no indutivismo de Bacon, surgiram duas figuras de grande actualidade em nossos dias: Frederico Nietzsche e Karl Marx.

•

•

•

•

Ambos se servem do individualismo, para fins aparentemente opostos mas, na realidade, os mesmos.

É curioso notar como ambos investem furiosamente

contra o Cristianismo. Enquanto Nietzsche acusa a doutrina de Cristo de ser a doutrina da tristeza, da humilhação, da subserviência, contrária à livre expansão das forças heróicas do homem, o outro, Karl Marx, aponta a religião do Mestre, e tôdas as outras, como um impecilho ao desenvolvimento da luta de classe e da revolução do proletariado.

Tendo por objecto de suas elocubrações êsse mesmíssimo homem que os panfletários materialistas indicavam como o centro das concepções religiosas do universo, tanto Nietzsche como Marx não consideravam a criatura humana dentro daquele senso de proporcionalidade que nos veio do Evangelho e que se exprime em tão harmoniosa forma na "filosofia perene" de Tomás de Aquino.

Nietzsche viu o homem, porém, hipertrofiado na desmedida ambição de domínio e na expansão de tôdas as forças bárbaras da violência implacável e do sonho insensato de poder e de glória. É o Super-Homem esmagando todos os preconceitos morais e sacrificando os seus semelhantes na construção de um mundo de refulgentes castelos e lendários heróis. É o Ser Humano repelindo a caridade e a humildade, como virtudes negativas ao convívio esplêndido dos fortes, e forjando o coração como o aço frio das espadas.

Marx viu também o Homem, porém, amesquinhado e reduzido pelo egoísmo vulgar e pela aspiração a um nivelamento destrutor das marcas expressivas da personalidade. O homem deslocado dos grupos naturais, isolado no individualismo, depois pulverizado pela concorrência capitalista e pelas triturações da "luta de classe"; finalmente fundido

no rebôjo da revolução e transformado em simples molécula na pasta amorfa da grande massa plasmável ao gosto de dirigentes cruéis. Não mais o Super-Homem de Nietzsche, mas o Sub-Homem, o Homo Economicus a que se reduziu o Homo Sapiens; o Homem sem Deus, sem Pátria, sem Família, sem moral e — o que é mais doloroso! — sem aquilo que o seu egoísmo mais amou: a sua liberdade.

Sim: essa famosa liberdade de que tanto lhe falaram, terá sido apenas um andaime para a construção do edifício socialista; e, agora, que a construção terá terminado, para que serve a liberdade senão para esconder a obra dos grandes architectos?



É aqui que se encontram Nietzsche e Marx. Partiram de extremidades opostas, mas atingiram o mesmo ápice. Ambos filhos do individualismo de Rousseau e do materialismo científico, e tomando como base de seus raciocínios o egoísmo implacável do Homem na ânsia de satisfazer os seus instintos: o primeiro, proclama o direito dos étnica e biològicamente privilegiados se elevarem dominadoramente sôbre as massas, ao passo que o segundo reivindica para as massas o direito de absorverem todos os seres humanos na expressão uniforme de um colectivismo arrasador.

Cria Nietzsche o monstro da Singularidade Humana, feroz como os deuses antigos, tendo por pasto de seus ape-

tites as multidões inermes. Cria Marx o monstro da Pluralidade Humana, terrificante e tenebroso, alimentando-se de todos os caracteres específicos da personalidade, apagando relevos e polindo arestas de tudo o que no Homem possa revelar a originalidade do seu espírito.

Entretanto, para existir o Super-Homem de Nietzsche, é necessário que exista a massa colectiva dos Sub-Homens de Marx. E para que exista o colectivismo marxista é forçoso existirem Super-Homens dirigentes, de fisionomia, estrutura, sensibilidade e concepção de vida exactamente as mesmas descritas no tipo dominador, engendrado pela poderosa alucinação de Nietzsche.

E, dessa maneira, as duas mais eloquentes antíteses, criadas pelo século XIX, encontram-se e fundem-se na mesma expressão delirante de um mundo de brutalidades e de rebaixamento do Homem; do Homem que se pretende arrancar do trono que Deus lhe outorgou desde o instante em que a argila foi animada pelo sôpro divino do Criador.

Não é, pois, para nos admirarmos que os dois pensamentos — o de Frederico Nietzsche e o de Karl Marx — hajam dado origem a normas de vida em tudo semelhantes e tão contrárias ao sentido de equilíbrio e de harmonia que procede da religião cristã.

Cumprе аcentuar — e seria injusto não o fazermos — que os dois erros modernos procedem directamente do individualismo dos Enciclopedistas e em especial de Jean Jacques Rousseau; e será de todo o propósito lembrarmos ainda o optimismo liberalista de Locke, assim como o pessimismo totalitarista de Hobbes, o criador do Estado Le-

A A L I A N Ç A *DO SIM E DO NÃO*

viathan, pois o primeiro, no século XVIII, fornece os meios políticos para se atingir a instauração do Estado absorvente idealizado pelo segundo no século XVII, porquanto a liberdade sem disciplina é a mãe do despotismo. Foi, de resto, dessas duas fontes, aparentemente contrárias, que procederam os filósofos materialistas do século XIX, os quais, constituindo-se os profetas e mentores da burguesia florescente e das nações comerciantes, forneceram, com as teorias da luta pela vida, da selecção dos mais adaptáveis, e do transformismo biológico, a influir nos aperfeiçoamentos industriais e nas condições de trabalho, os elementos indispensáveis às conclusões nietzscheanas e marxistas.

IV

A CIVILIZAÇÃO SIDERÚRGICA

Não foram, como se vê, apenas o autor do "Zaratustra" e o sistematizador de "O Capital" que se serviram dos cabedais da filosofia burguesa e das conclusões da ciência divorciadas da moral do Espírito. Tiraram partido das novas idéias as grandes concentrações capitalistas, os chefes militares e a política de expansão comercial das nações mais favorecidas pelas circunstâncias de um período assinalado pelo advento, em grande escala, da siderurgia.

Pode-se mesmo dizer que a filosofia materialista serviu directamente, não só aos interesses do capitalismo, como, de um modo claro, aos dos detentores da hulha e do ferro na criação de uma fase da vida dos povos que poderemos denominar, com a maior propriedade: "civilização siderúrgica".

É a civilização do ferro e do carvão, a civilização do aço e da indústria pesada, que se ergueu sobre a face da terra contra a civilização do Espírito.

*
* *

Como se sabe, a fundição de ferro, até à segunda metade do século XVIII, praticava-se com o carvão vegetal ⁽¹¹⁾. Em 1753, a Inglaterra, por ser pobre em florestas, começou a utilizar o carvão mineral em consequência da descoberta de Darby. Trinta anos depois, novos aperfeiçoamentos foram introduzidos nos processos de fundição no país, provocando mais larga exploração das hulheiras. Nas camadas profundas do solo, surgiu a necessidade de se esgotarem as galerias das águas infiltradas. Utilizaram-se bombas accionadas à tracção humana ou animal. Um dia, Newcomen tenta aplicar a êsses instrumentos a fôrça do vapor, o que faz com óptimos resultados. O êxito vem concorrer para a invenção de Papin e Watt: surgiu a máquina a vapor. A produção do ferro, em grande escala, desenvolveu tôdas as indústrias mecânicas e o vapor multiplicou-as. Fabricaram-se novas e variadas máquinas, especialmente as destinadas à locomoção terrestre, à fiação e tecelagem e aos transportes marítimos.

No continente, a França, a Alemanha e a Bélgica, principiaram a usar a hulha na fundição do ferro apenas em 1826. A Inglaterra é já, por êsse tempo, senhora dos mares e do commercio. Tôdas as nações despertam para a grande realidade siderúrgica e febrilmente rasgam o solo procurando jazidas de carvão de pedra. Quem tem hulha tem ferro; quem tem ferro tem máquinas; quem tem máquinas tem indústrias, locomotivas, trilhos, navios; quem possui estas cousas, tem dinheiro e quem tem dinheiro tem progresso e civilização. A riqueza tudo facilita: padrão de vida su-

perior, higiene, escolas, porque saúde e instrução também custam dinheiro.

Os povos meridionais do planeta verificam logo, desolados, que não possuem hulha. Quando a possuem é de qualidade inferior e incapaz de concorrer com o carvão da Renânia ou de Cardiff.

No Novo Continente, o contraste é chocante. Ao alvorecer das nossas independências políticas, os Estados-Unidos da América do Norte extraem milhares de toneladas de carvão, enquanto a América Hispânica, desde o México até à Terra do Fogo, não encontra senão escassos vestígios de hulha inferioríssima. Só a êsse facto — e a nenhum outro — se deve o desenvolvimento material do grupo anglo-saxão do norte, contraposto ao penosíssimo esforço civilizador dos grupos ibero-americanos do sul.

No Brasil, sob o reinado do grande rei D. João VI, tenta-se montar uma fundição de ferro. É comovente a página do historiador Varnhagem ⁽¹²⁾ referindo-se ao facto. Do primeiro metal obtido faz-se uma cruz. Os técnicos e operários, com lágrimas nos olhos, tendo à frente o director da fábrica, ⁽¹³⁾ levam proceSSIONalmente o símbolo de Cristo à Capela da aldeia próxima; e ali, de joelhos, com as roupas e o rosto manchados de fuligem, oferecem Àquêlê que constitui a fôrça verdadeira da gente lusíada, o produto inicial de uma indústria que deverá estar adormecida quasi cem anos por não possuirmos jazidas de hulha praticamente utilizável, apesar de se encontrarem em nossas montanhas 23 % do ferro do mundo.

A A L I A N Ç A DO SIM E DO NÃO

*

*

*

A realidade geológica é caprichosamente desfavorável aos povos meridionais. Dir-se-ia que Deus nos reservara para um outro papel, um papel relevantíssimo, depois de terminado o ciclo tormentoso do ferro.

As consequências económicas e políticas da distribuição das bacias hulheiras do planeta evidenciam seus efeitos, num crescendo vertiginoso. Todas as nações detentoras de hulha tornam-se grandes potências pela ordem de capacidade das suas jazidas. Na exposição de Paris, a que nos temos referido, Krupp revela um novo processo de tratar o ferro com a hulha produzindo o mais eficiente dos aços, cuja intervenção na história seria, dentro de três anos, comandada por Bismark. Revolucionam-se, dessa forma, não só as indústrias do mundo, como a técnica militar, transmutando o arremesso personalista dos soldados, no cálculo frio da eficiência destrutora das máquinas guerreiras e do potencial de resistência dos materiais.

Coincidindo a melhor distribuição das bacias hulheiras pelos povos nórdicos e louros (germânicos e anglo-saxões), logo apareceram os seus pensadores e cientistas a proclamar falsas teorias de superioridade racial, baseando-se num progresso que tinha por única origem as riquezas do subsolo. ⁽¹⁴⁾

Não faltaram também aqueles inimigos da Igreja de Pedro, sempre atentos às mínimas ocasiões de atacá-la, e esses afirmavam que o atraso dos povos meridionais era

devido ao obscurantismo católico, assim como o progresso dos setentrionais provinha do arejamento dos espíritos desde Lutero, Calvino e Henrique VIII. Esqueciam-se (e nós mesmos nos esquecíamos, fazendo côro com os inimigos de nossas Pátrias e de nossa Religião) de que antes da navegação a vapor, dependente do ferro e da hulha, éramos nós que devassávamos os mares, dávamos ao mundo novos mundos e nos mostrávamos legítimos continuadores daquele senso de equilíbrio e de medida que inspira as civilizações harmoniosas.

Esquecíamos de que dentre os povos mediterrâneos nasceram a geometria de Euclides e a filosofia de Aristóteles; a navegação fenícia e a medicina do Egito; a arte grega e o direito romano; a ciência dos antigos e a Religião revelada. Esquecíamos de que, mais tarde, fôramos grandes na Renascença italiana e na epopeia das Descobertas dos povos hispânicos, na qual Portugal desempenhou tão relevante e altíssimo papel. Esquecíamos de que fôramos fortes em guerras ásperas e que do nosso grémio surgiram grandes sábios, grandes reis, cavaleiros, poetas e santos que honram a humanidade. Entregávamo-nos, os povos meridionais e católicos, àquela "apagada e vil tristeza" infundida em nosso ânimo pelas teorias racistas dos medidores de crânios e pelo fatalismo dos filósofos setentrionais, que procuravam explicar a injustiça da divisão do mundo, em nações ricas e pobres, pelo determinismo implacável da luta pela vida e selecção dos mais aptos, em vez de confessar a desigualdade da distribuição geológica da hulha.

A A L I A N Ç A.

DO SIM E DO NÃO

*
* *

Com o aparecimento do motor a explosão ⁽¹⁵⁾ e a utilização do petróleo, o desequilíbrio tornou-se mais patente entre os povos, uma vez que as nações, já adiantadas na siderurgia, tiveram conseqüente influência comercial, militar e política, para se apoderarem, directa ou indirectamente, dos poços petrolíferos. Vê-se ainda aqui que é o carvão a base de tôdas as riquezas, não sòmente porque êle faz o ferro (o que não acontece ao petróleo), como também porque domina o petróleo, girando politicamente as nações petrolíferas na órbita de influência das nações hulheiras.

Compreendemos hoje, em face do espectáculo do mundo que preferiu a lei do ferro e da hulha à lei de Jesus Cristo, compreendemos hoje o que pretenderam justificar com suas doutrinas o transformismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer, o naturalismo económico de Adam Smith, o pragmatismo de James, o super-humanismo de Nietszche, o socialismo imperialista de Marx, nas suas conseqüências práticas hoje tão evidentes, o racismo de Huston Chamberlain e de Gobineau, tôdas as altitudes do pensamento materialista, desde suas grandes cordilheiras até suas mais pequenas colinas.

Pretendeu-se abolir os valores espirituais para que predominassem os impositivos da fôrça bruta. Deixar o campo livre para as lutas mais cruéis, sem que nenhuma

intervenção moral pudesse coibi-las. Opor à doutrina construtiva do amor, a doutrina destrutiva do ódio. Substituir o sentimento da justiça pela ambição mais desmedida, a pureza dos costumes pelas paixões desenfreadas. Embrutecer, desracionalizar o Homem e entregá-lo submetido ao determinismo das leis económicas, cujo ganho de causa é de antemão assegurado aos proprietários dos meios mais eficientes de produção.

*

*

*

Erguendo-se o Espírito contra tão catastróficos desígnios, cumpria, para atingi-los, demonstrar os fundamentos materialistas da vida. Tais fundamentos encontravam justificativa na demonstração de que os caracteres físicos do Homem exerciam preponderante influência nas manifestações intelectuais ⁽¹⁶⁾. Nada provava melhor do que o progresso dos dolococéfalos louros no século XIX. Não se lembravam os teóricos do idêntico surto que assinalou, no mesmo período, a vida industrial do Japão em consequência da exploração da hulha, em suas ilhas, e apesar dos caracteres nada louros nem agigantados dos japoneses... Também nós, os meridionais, não pensávamos nestas cousas. Não faltaram inconscientes traidores de nossas Pátrias a nos catalogarem entre os povos em decadência, etnicamente inferiores e dignos apenas de gravitar na órbita dos mais capazes.

A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO



Deixemos, porém, esta matéria que exige um desenvolvimento especial. Dela fizemos objecto para evidenciar uma das atitudes materialistas criando um sentido moral com base na injustiça como regra das relações internacionais. É o domínio dos fortes (não biològicamente, mas em riquezas do subsolo) sôbre os fracos (que só o são por lhes faltarem os meios com que fabricarem o aço). É a justificação materialista da desigualdade económica entre grupos nacionais, aspecto para o qual não atentam os socialistas nos seus utópicos desígnios igualitários. É, em suma, o materialismo, dividindo as nações e dentro destas dividindo os homens, contrapondo o ódio a todos propósitos de cooperação entre indivíduos e povos, com base religiosa no Espírito.

V

A SEMENTEIRA DAS TEMPESTADES

Tais doutrinas atearam o incêndio das revoluções e das guerras. Tudo, no século XIX, obedeceu a um sentido de separação e de luta: vasta sementeira de ventos de que estamos agora colhendo as tempestades.

É a revivescência das guerras da antiguidade pagã, de carácter conquistador ou púnico, implacáveis e totais. É a repetição periódica no mundo das atitudes humanas de rejeição às leis do Espírito. Porque só o Espírito tem o poder de unir e tudo o que dêle se separa entra na arritmia da desagregação.

A história das guerras, desde o fraticídio de Caim aos bombardeamentos modernos, é a história dolorosa do abandono, pelo Género Humano, da Lei suprema segundo a qual o mundo foi criado.

Todos os actos de amor em que Deus se manifesta são actos de união, de compreensão, de paz. É o amor a fôrça que, segundo a intuição genial de Dante, "muove il sole e l'altre stelle".

Por isso, os actos de desamor do Homem são actos de desunião, de incompreensão, de desagregação, de ruína.

A A L I A N Ç A DO SIM E DO NÃO

Desune-se o Homem de Deus pela falta original, mas Deus se compadece do seu infortúnio e a êle se oferece em união, pelo seu próprio Filho. Novamente se desune o Homem de Deus pelo pecado, porém Deus, de infinita misericórdia, estende-lhe a dextra salvadora e novamente o une pelo Sacramento da Penitência. Reincide o Homem ingrato? Deus de novo lhe prodigaliza a graça do regresso e da paz, desde que no Homem descubra ainda a possibilidade de amar. Só a impenitência, isto é, o orgulho, não conhecerá a alegria do regresso, da reintegração consoladora. E porque o Criador nos ensina, com seu exemplo, a grandeza do perdão conforme a verdadeira justiça, a qual exige apenas o arrependimento, e nada mais, também de nós reclama, como penhor de nossa própria felicidade na terra, o exercício da caridade para com o nosso semelhante.

*

*

*

Não me refiro à caridade, tão meritória também, que se traduz em socorro aos necessitados. Falo da caridade que consiste em não causarmos a menor mágoa injusta, a quem quer que seja. A caridade que mede as palavras e regula os nossos actos, para que nunca, em circunstância alguma, coloquemos o nosso egoísmo, o pretexto da nossa felicidade, acima dos deveres da nossa bondade. A caridade que, em certos momentos culminantes da nossa vida, compreende a grandeza maravilhosa da palavra *renunciar*,

palavra que abre tôdas as portas à contemplação das harmonias eternas, e que muitas vezes encerra uma glória que os anjos mesmo não atingem porque não lutam contra estas cruéis fraquezas que cantam seu canto de morte ao ouvido dos homens. Falo da caridade que não conhece nem a inveja, nem o despeito, mas que se regozija com os triunfos e alegrias alheias e chora com os que choram. A caridade que desconhece a maledicência e sabe ser gentil, na presença ou na ausência, na palavra ou no pensamento. É a caridade ou o amor a base de uma vida nova, o sentido de uma nova lei. E tôda a vez que nos afastamos de tão sublime estatuto, não experimentamos senão o desespero d'alma, nem teremos outro caminho senão o da violência e o da crueldade sem limites. Apaga-se em nós a luz divina; as trevas nos envolvem e nos arremessam aos abismos mais profundos...

Só a prática dêsse mandamento pode assegurar a paz do mundo. Só êsse novo mandamento oferece conteúdo moral às relações entre indivíduos, povos e nacionalidades da terra, distribuindo-se os bens materiais segundo as leis de Deus, e não segundo as teorias insensatas, que pretendem realizar uma paz de feras sob o chicote do domador, em vez de procurar a paz digna de seres racionais. Só a prática da caridade, isto é, da compreensão, respeito e estima recíproca entre os indivíduos e as nações, poderá livrar-nos da vergonha da paz cominatória, essa paz de escravos contra a qual se insurgem os nossos mais nobres sentimentos de liberdade.

Mas o século XIX, de que somos herdeiros directos, volveu as costas a Deus. Os seus homens, "dizendo-se sábios, tornaram-se loucos" e "mudaram a verdade em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador". "E como êles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso" (17).

Estas palavras de S. Paulo parecem escritas para os nossos dias. Para os erros de que sofremos as conseqüências. O século chamado "das luzes" só falou de direitos. Pelos direitos se insurgiu, declamou e ateou o incêndio das discórdias. Direitos do homem, direitos da mulher, direitos das classes, direitos do comércio, das nacionalidades, das raças. Direitos a tôdas as liberdades. Liberdade de auto-determinação, tão dilatada que ultrapassava os limites dos deveres. Auto-determinação de indivíduos e de povos, sem prefixação de um princípio religioso: auto-determinação preconizada pelo individualismo na plenitude eufórica do homem, da sua vontade, do seu poder de exprimir-se na exaltação da vida, acima do Bem e do Mal. Direito do meu vizinho de montar uma fábrica de dinamite paredes-meias com a minha casa; direito de envenenar as fontes de uma cidade quando alguém quizer suicidar-se... Sofisma do livre-arbítrio, moeda falsa da liberdade, cunhada exactamente pelos adeptos do determinismo científico e proclama-

dores da fatalidade das leis naturais contra as leis do espírito.

A liberdade, o mais precioso dom que nos foi outorgado por Deus, exige, como condição de sua própria existência, um condicionamento religioso. Digo "religioso" e não "moral" porque sem uma concepção religiosa do mundo, a moral não passa de uma atitude personalista, uma convenção variável em cada povo e em cada tempo, e em cada caso particular.

Se a idéia que formamos do mundo e do nosso destino é a da irresponsabilidade perante um Deus pessoal, cuja existência é, de antemão, ou negada ou não considerada, que nos restará como fundamento da auto-determinação? Valerá a pena sacrificarmos ambições, prazeres, numa vida curta, que aqui mesmo termina? Por que não fazer uso da liberdade até ao máximo? E se ela ferir, humilhar, esmagar o nosso semelhante, que importa? Se a vida é uma luta em que vencem os mais aptos, como anunciam os transformistas e evolucionistas, por que não nos adaptarmos a tôdas as circunstâncias, ainda as mais vergonhosas, ou mais cruéis, para vencer e gozar? É a lei do materialismo.

Que faz a sociedade burguesa do nosso tempo, senão aceitar, na prática, êsses princípios materialistas, conquanto não tenha coragem para o declarar abertamente? Que faz êsse mundo brilhante senão negar em todos os actos e atitudes da vida quotidiana aquilo que pretende afirmar como fundamento do seu contraditório edifício social? O que vemos, o a que assistimos — é a aliança monstruosa do *sim* e do *não*!

*

*

*

Ao raciocínio utilitário dos bem nutridos e dos bem vestidos, que ostentam suas galas ante os olhos das turbas miseráveis, acrescenta logicamente o proletário, que tudo procura imitar de seus superiores: “na verdade, se meus patrões assim pensam, eles que lêem os livros e sabem mais do que eu, e se assim vivem, e gozam a vida, também eu negarei a Deus, e, convencido de que a alma não existe, vou agir de acordo com essa doutrina”; e dessa forma ingressa na batalha social, desfraldando o estandarte do ateísmo e do indiferentismo religioso, estandarte que foi tecido não pelas rudes mãos calosas do trabalho, porém pelas nobres e finas mãos faiscantes de anéis daqueles mesmos cuja ostentação e costumes epicuristas contrastam com o espírito alto e puro de uma vida espiritual! O proletário, doutrinado pela própria sociedade, que de cristã traz apenas o rótulo, torna-se um instrumento nas mãos dos secretos organizadores da batalha contra Cristo, dos falsos profetas que falam de reivindicações e começam escravizando o homem aos próprios instintos, para depois escravizá-lo nas engrenagens do Estado. Se vencer a causa dos Sem-Deus, o operário será mais oprimido do que nunca, pois nem terá o direito de reclamar; mas terá satisfeito os íntimos sentimentos de ódio que lhe foram transmitidos pelo materialismo de uma sociedade falsamente religiosa e na realidade

apenas preocupada com os gozos passageiros e as ilusões de um mundo cruel.

E não é o ódio a alavanca do socialismo marxista revolucionário, conforme confessam os seus chefes principais? Sim, o ódio oposto ao amor, que é o mandamento cristão.

VI

OS CAVALEIROS DO APOCALIPSE

Os homens, na verdade, esqueceram-se de que possuem uma alma. A palavra de Pio IX, aos ecos da exposição de Paris, não foi ouvida.

O ferro e o aço fundiram-se. Lançaram-se couraçados ao mar e sobre a terra se multiplicaram os canhões e metralhadoras. Pássaros metálicos toram atirados ao espaço. O orgulho humano entumescceu-se mais do que nunca. Os sucessores do Pontífice mártir debalde ergueram seus prudentes avisos. Pinta Leão XIII aos olhos do mundo o quadro das injustiças sociais e mostra o caminho verdadeiro; mas os homens preferem ouvir Marx e Engels, porque pregam o ódio, e Sorel porque ensina o catecismo da violência. Levanta-se Pio X, irradiante de bondade, e mostra os erros modernos largamente disseminados; mas os homens ainda preferem ler as sedutoras páginas de Emerson, Carlyle e Ruskin, porque falam da exaltação da vida na terra, e sobretudo Nietzsche porque prega a crueldade e o esmagamento dos homens sob as botas dos heróis. Aparece Bento XV, aos relâmpagos do mundo em incêndio e chama a atenção dos espíritos desorientados para a filosofia perene de Tomás de Aquino, onde as angústias da época podem encontrar solução a todos os seus conflitos; mas os homens

preferem embriagar-se com a utopia dos catorze princípios de Wilson, enquanto vão corroendo as nações as mais terríveis realidades sociais e políticas, gerando crises económicas e morais sem precedentes. Sobre o rescaldo do braseiro da Grande Guerra, projecta-se a figura formidável de Pio XI, que escreve os mais luminosos capítulos marcando o lugar da Verdade no meio dos ídolos modernos; mas os homens preferem chafurdar na lama com que o materialismo de Freud infeccionou os costumes, precipitando o apodrecimento das almas, e se comprazem novamente no culto da violência e da mentira, que constituem a linguagem corrente entre as nações e a inspiração tenebrosa das catástrofes sociais.

Os povos da terra ficaram surdos de tanto ouvir o rumor das máquinas e cegos na contemplação das suas grandezas. E ouviu-se, então, o tropel dos cavaleiros do Apocalipse, nos hemisférios do mundo. E eis que os homens enlouqueceram. E a loucura dos homens tornou-se o instrumento da sua própria expiação.

*

•

*

Assombra-nos tudo quanto ouvimos, e vemos, e sentimos, bem de perto, como um estridor de voragem, que tudo quer avassalar. Assombra-nos a palavra que sai da boca dos homens, porque é ainda aquela mesma palavra exprimindo abstracções tão afastadas da verdade espiritual que

só em Jesus Cristo encontramos, como também afastadas das realidades práticas, no campo das realidades económicas entre os povos e das aspirações legítimas dos grupos nacionais.

É ainda a mentalidade do século XIX, que acusou a Escolástica de mero jôgo de palavras, porém, que, ao contrário da Escolástica, preferiu abandonar a objectividade dos factos, para se perder no culto aparatoso das frases de que se podem tirar os mais variados efeitos.

E o que sobremaneira nos inquieta e perturba, é imaginar o que se aproxima, o que vem vindo inexoravelmente a caminhar sobre uma humanidade que perdeu suas fôrças na dispersão dos espíritos e no afrouxamento das virtudes que constituem a única base segura da nossa resistência nas tempestades históricas...

*
* *

Recolhidos em nossas orações, a nossa angústia nos leva a perguntar ao nosso Pai Celeste: "Senhor, que será de nós, que será dêste mundo nos dias que se aproximam? Que árvore poderá nascer desta sementeira e que frutos colherão as gerações vindouras? Que meios eficientes teremos para impedir a derrocada de tudo o que representa, na Família, na Sociedade, na Pátria, o sinal da nossa fidelidade à palavra que nos deixaste? Que faremos para

A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO

garantir aos nossos filhos uma existência digna, uma vida cristã? Quando vemos as razões individualistas preponderarem sobre os vínculos sagrados; quando vemos a sede das riquezas e das ostentações superarem a modéstia, que é a mais bela flor dos costumes cristãos; quando vemos a indiferença dos fartos pela miséria dos pequeninos; quando vemos êsses pequeninos entregarem-se à irreligiosidade mais completa e até mesmo à revolta contra o vosso culto, tido por êles como um instrumento de opressão burguesa; quando vemos, conforme profetizastes sobre o monte das Oliveiras, “as nações se levantarem contra as nações e os povos contra os povos”, as cidades arrasadas, os lares destruídos, os filhos separados dos pais, a necessidade exacerbando o egoísmo e o egoísmo suprimindo os deveres da consangüinidade; e os falsos profetas se multiplicarem, e os ideólogos de todos os matizes fomentarem a confusão crescente; e a ambição gerando a mentira, e a mentira gerando a insegurança, — como nos sentimos pequenos, Senhor, e humilhados, e incapazes de conjurar tão pavorosos perigos cujos passos pesados retumbam aos ouvidos dos que ainda estão despertos como sentinelas nocturnas num acampamento adormecido!... Só nos resta de todo o nosso orgulho, de toda a vaidade fátua a que temos chamado progresso, de toda a confiança que havíamos depositado nos recursos morais por nossa civilização denominados “ciência do Direito”, só nos resta esta angústia, êste pesadelo, e esta voz com que clamamos: salvai-nos, Senhor!

VII

A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO

Basta-nos, porém, esta exclamação de desalentados e de fatalistas em face das trágicas incertezas do futuro? Bastar-nos-á, por outro lado, o comentário displicente dos que se limitam a tomar as nossas angústias como um tema de literatura?

Os primeiros, confiam no Altíssimo, mas a sua fé é uma fé maometana, e não cristã, porque a vida cristã é a cooperação permanente do Homem com Deus, o qual nos outorgou o dom da liberdade afim de que dela, nos servíssemos como instrumento de acção. Êsses adormecem quando é preciso vigiar, e orar, e trabalhar; renegam os direitos e deveres do Espírito; devolvem ao Criador, por incómodo, o privilégio de optar e decidir.

Os segundos, assumem o ar de espectadores do drama contemporâneo, por êles rotulado com a etiquêta de "momento de transição"; gastam o tempo a tecer o *tiflot* das frases literárias e a compor pensamentos vazios de vida.

Mas nós, os que sofremos no fundo da nossa alma, o choque da nossa personalidade no atrito das injunções quotidianas; nós que sentimos em nossa carne, em nosso sangue, em nossos nervos, a palpitação das forças volitivas cujos impulsos não conseguimos sopear; nós nos erguemos

A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO

em meio à dissolução com firmes propósitos de construir segundo nos ensinou e nos mandou Aquêlê que, tendo sido a pedra rejeitada, no edifício que desaba, será a pedra angular do edifício que não desmorona, ainda que soprem tôdas as fúrias dos elementos.

Erguemo-nos para proclamar um sentido nítido, claro, e definitivo de vida. Para varrer as teias de aranha do confusionismo e arejarmos o mundo com a luz solar de afirmações categóricas, irredutíveis, impositivas. Para separar o trigo do joio, a luz das trevas, rompendo corajosamente com os deprimentes compromissos de uma mentalidade que se caracteriza pelo conubio aviltante da afirmação e da negação, do *Sim* e do *Não*.



E' aqui que pretendo fazer o elogio dos nossos adversários, como Jesus nosso Mestre, fêz o elogio do "servo infiel" declarando-nos que os filhos das trevas costumam ser mais prósperos do que os filhos da luz.

Falei há pouco de Marx e de Nietzsche, mostrando a comum origem de seus pensamentos e a identidade de seus objectivos através de caminhos contrastantes. O primeiro, engendrando a multidão de sub-homens e mecanizando-a de modo a funcionar à simples pressão de um botão elétrico regulado pelos dedos de um tirano em tudo parecido com o

super-homem de Nietzsche. O segundo, imaginando o super-homem, dominador implacável das massas, estas em tudo semelhantes à colectividade marxista. Ambos, filhos do liberalismo democrático de Rousseau, utilizando-se do transformismo de Darwin e do optimismo de Locke para atingir — ainda que o neguem — o Estado absorvente da concepção de Hobbes. Evidenciei o conteúdo idêntico de violência e crueldade, que relampeja nos messianismos do rabi socialista e nos do oráculo da mística hiperbórea.

Entretanto, é perturbador pensar que êsses dois anunciadores do Anti-Cristo, com grandes lunetas de aumento, tornaram patentes aos nossos olhos as realidades de um mundo em que se estabelecera o vergonhoso conúbio do “Sim” e do “Não”.

Marx viu o que não tinha visto a hipocrisia de uma sociedade meio pagã e meio cristã. Tomando os princípios da economia clássica, de que êle se confessa um continuador, deduziu as conseqüências lógicas da evolução capitalista ritmada pela crescente proletarização das classes médias e pela redução, ao mínimo, dos detentores dos meios de produção. Mostra-nos como será a sociedade futura, síntese inevitável do desenvolvimento dialéctico dos fenómenos económicos, entregues sem nenhuma interferência de ordem espiritual, ao determinismo das leis naturais.

Do mesmo modo como, se não interviermos a conter o ímpeto das florestas, elas invadirão as cidades, e se não interviermos a apagar um incêndio êle caminhará devorando tudo à sua passagem, também o processo económico, se

o não subordinarmos ao nosso livre-arbítrio, far-se-á no sentido avassalador da hipertrofia capitalista, reduzindo à miséria e à escravidão grandes massas humanas. E quando inumerável fôr a multidão dos pobres e reduzida a casta dos ricos, aparecerá, como é fácil prever, o mais rico dos ricos, ou algum audaz aventureiro, que liquidará a meia dúzia de privilegiados, utilizando-se do ódio das massas oprimidas e depois fazendo destas a grande argila em que modelará o tipo social que lhe apeteça. Isto feito, não mais existirá o Homem, mas o Estado. Tôdas as fôrças individuais, desprovidas da auto-resistência que lhes é assegurada pela Família, pela Propriedade, pela Tradição Nacional, e, acima de tudo, pela Religião (pois tudo isso terá desaparecido), eis que tôdas as fôrças individuais, serão coordenadas, num maximum de eficiência, em benefício da direcção central, verdadeira cabine de comando onde tudo se reduz a extrema simplicidade técnica.

Tão grande eficiência iludirá a muitos, que a julgarão proveniente das fôrças do Espírito, entre as quais o Nacionalismo; não se enganarão, porém, os conhecedores do assunto, porque tudo está previsto nos ensinamentos dos especialistas teóricos e práticos do sistema. Êsses, sabem que o homem terá sido triturado e reduzido ao automatismo dos animais em rebanho e à uniformidade dos ritmos vegetativos.

Tal concepção do Homem, da Sociedade e do Estado pertence, realmente a Marx, foi inventada por êle? Não. Absolutamente não. Marx observou realidades do seu tempo e deduziu realidades do futuro. Aceitou a doutrina do

materialismo burguês, deu-lhe seguimento, antevisionou seus resultados. No meio de um século que misturava o *Sim* e o *Não*, ele aceitou o *Não* e rejeitou o *Sim*. Os banqueiros e os estadistas, os professores e os pais de família, tinham ao mesmo tempo, como livros de cabeceira, a Bíblia e os filósofos materialistas; liam os Evangelhos e adoptavam na vida prática os princípios do monismo, do agnosticismo, do panteísmo. Marx atirou fora os livros sagrados e ficou com os profanos, repelindo o consórcio imoral do *Sim* com o *Não*.

Viu claro Frédéric Nietzsche no seu livro "Anti-Cristo", quando exclamou: "Estamos enfermos dessa modernidade, enfermos dessa paz malsã, dêsse cobarde compromisso de toda essa virtuosa sociedade do moderno *Sim* e *Não*".

O autor do *Zarathustra* proclama, do mesmo modo que Marx, a exclusiva prevalência do *Não* oposto às virtudes cristãs aparentemente cultuadas pelos povos ocidentais.

O espírito das trevas, o Anti-Cristo, aparece no poema de Goethe, diante de Fausto, dando como cartão-de-visita esta apresentação: "Eu sou aquêle que nega". E, na verdade, tudo quanto em Cristo é afirmação do Espírito, em Lusbel é revoltada negação.

A A L I A N Ç A DO SIM E DO NÃO

Antes, porém, que Marx e Nietzsche compendiassem as teorias negativistas em relação ao Cristo e ao seu ensino, já elas existiam no homem e na sociedade, ora patentes, ora latentes; ora desenvolvidas, sob as mais variadas formas, pela palavra dos filósofos, ora aceitas e postas em prática na vida quotidiana dos próprios cristãos...

Marx ou Nietzsche dizem alto o que diz em voz baixa um cristianismo de fachada, um cristianismo de retalhistas, que se satisfaz com pedaços de verdade, em magro regime de racionamento espiritual...; um cristianismo sem amor total ao Cristo, nem respeito pelo sangue dos mártires antigos.

Basta atentarmos para o que se passa no mundo, desde o nosso prédio ao nosso quarteirão, e do nosso quarteirão à nossa cidade, ao nosso país, ao âmbito universal.

Creemos em Deus? Respondemos que sim, e como prova mostramos as igrejas, a testemunharem o comportamento religioso do nosso povo. Mas quando nos perguntam se freqüentemente vamos orar nessas igrejas, respondemos que não, excepto nas missas de sétimo dia, porque a vida moderna não nos deixa tempo para mais nada.

Creemos em Cristo, como Pessoa Divina, como Redentor do mundo, como nosso Mestre? Respondemos que sim, que só a Ele seguimos. Mas quando nos inquirirem se cumprimos os mandamentos que Ele nos deixou no Sermão da Montanha, respondemos que a alguns sim, porém a outros não, porque são muito difíceis.

Assim, se nos indagam: "credes realmente numa vida eterna depois desta vida passageira?", retrucamos que sim;

mas se nos interrogarem sôbre se estamos dispostos a tudo sacrificar nesta existência efêmera pela nossa felicidade eterna, diremos que estamos prontos a algumas renúncias, mas não a tôdas.

Desejâm acaso saber se amamos o nosso próximo, tanto quanto a nós mesmos, consoante as normas do Mestre, eis que bradamos sim!, mas se nos requererem tiremos de nós aquilo que nos faça alguma falta, para acudir à necessidade do próximo, vivamente retrucamos que não, e em vez de evocar S. Martinho, que deu o seu manto, ou Frei D. Bartolomeu dos Mártires que, não tendo com que vestir a uma pobrezinha, remediou-a com as cortinas da sua porta, citamos Lafontaine, censurando as incautas cigarras e louvando as prôvidas formigas.

Pergunte-nos alguém sôbre a nossa paciência, respondemos que sim, que muito admiramos essa bela flor celeste; mas se de nós se acerca o infortúnio a contar seus revezes, lamentamos não ter tempo para maçadas; e se a adversidade nos honra com sua visita, êsse conviva que gosta de ser recebido em silêncio; pomo-nos a anunciá-la com as nossas lamúrias, envergonhando o nosso hóspede.

Pelo amor de Cristo somos capazes de perdoar aos nossos ofensores? Sim, respondemos. Porém, o Cristo consultado por Pedro sôbre quantas vezes deveríamos perdoar ao nosso semelhante, respondeu que não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete, e nós vivemos a contar nos dedos as nossas benevolências e nem sempre utilizamos todos os dedos de uma só mão.

É a vida cristã modelo de recato, de comedimento nos prazeres, de castidade nos actos e nas palavras? Sim, bradamos cheios de ardor. Mas aí daquele que pretender mostrar-nos os perigos de uma vida social de excessivas liberdades entre homens e mulheres, o inconveniente de certas atitudes, de certos olhares, de certos galanteios: êsse é logo apontado como um botas-de-elástico, um Catão a maliciar de cousas inocentes, esquecendo-se todos de que as grandes desgraças morais são como os filhotes dos tigres, graciosos e inocentes, que no meu país costumamos criar no meio de gatos, mas que tratamos de meter numa jaula antes que sejam adultos, porque é muito difícil saber em que dia a sua candura se transformará repentinamente em ferocidade.

O mundo moderno, que adora as notas biográficas das estrêlas de cinema, não quer saber das ponderações do Evangelho; diz sim ao Cristo, porém aos seus conselhos responde não.

Que faria um médico a um cliente que mandasse à farmácia aviar suas receitas, mas vindo os remédios, os atirasse ao lixo, dizendo crer no doutor, porém não nos seus medicamentos? Certamente o médico abandonaria êsse louco a fim de não ver desmoralizada a sua ciência, aos olhos dos que ignoravam que o insensato atirava fora os remédios. Assim o Cristo tem abandonado êste mundo que se ajoelha diante dêle no altar, mas que o rejeita na vida pública e na vida privada. Êste mundo que lhe diz *sim* em tudo o que é formal, e que lhe diz *não* em tudo o que é essencial.

*
* *

E aí está o quadro da vida moderna. O quadro do *Sim* e do *Não* contra o qual se revoltou Nietzsche, encarando resolutamente o Cristo e bradando-lhe *não!*, quadro contra o qual temos também de nos revoltar, se queremos gritar aquêlê *sim* exclusivo, definitivo, intransigente, sem o qual não há cristianismo, porém, apenas fraqueza, pusilanimidade e apodrecimento.

Foi contemplando êsse panorama do *Sim* e do *Não* que Marx desenvolveu as suas críticas às contradições do regime capitalista. No que concerne à moral, o marxismo não fez mais do que adoptar como regra, às claras, aquilo mesmo que a sociedade burguesa pratica às escondidas, ou sob os trapos dos sofismas com que tenta remendar a túnica de Cristo a qual os próprios soldados respeitaram, pois tendo repartido o manto de Jesus aos pedaços, quando se achavam aos pés da Cruz, não se animaram a fazer o mesmo a essa peça mais íntima do vestuário do Mestre.

Aquêlê jôgo de dados, aos pés do moribundo, tem uma grandeza simbólica impressionante. Mostra-nos a indivisibilidade da túnica e a impossibilidade de remendá-la ou de aproveitá-la com outros panos para fazer outra roupa. Diz o Evangelho que ela fôra tecida de alto a baixo, sem costuras. A túnica de Cristo não tem costuras! É una, é indivisível. Podem retalhar-lhe o manto, nas variadas expressões das disciplinas peculiares aos diferentes estados em

que o homem se encontra: o secular, o eclesiástico, o monacal, o celibatário, o matrimonial, porque o manto tem costuras. Mas a túnica, todos nós, em qualquer condição, temos que vesti-la inteira; ou bem que a vestimos, ou bem que ficamos nus. Ela representa a essencialidade da doutrina do Mestre, a sua totalidade, a sua unidade, a sua intangibilidade. Ou bem que cumprimos tudo, ou então nada teremos cumprido, se pretendermos adoptar frangalhos de doutrina, ao sabor do nosso capricho, e dos nossos interesses, e dos nossos apetites e paixões.

Porque o gravíssimo problema de hoje não é um problema económico: é um problema religioso. O próprio Sorel, mestre em revoluções, escreveu ser mais fácil uma "jacquerie" por uma bandeira do que por um pedaço de pão ⁽¹⁸⁾. O pão sempre serve de pretexto para movimentar as massas, porém os verdadeiros motivos das rebeliões residem nas razões morais e, podemos acrescentar, religiosas. O que se quer saber é se Deus existe ou não existe. Se o homem está ou não subordinado a deveres perante um Ente Superior e em relação a uma vida futura.

* *

* *

Nietzsche exclamou: "É preciso substituir as palavras "tu deves" pelas palavras "eu quero". Colocou, como nós, os cristãos, o assunto nos devidos termos. Assim, se os

responsáveis do mundo concordam com Nietzsche, não terão de que se queixar se as massas populares, levantando a bandeira do ateísmo, num suicídio de liberdades humanas, abalarem os fundamentos de um mundo injusto, que negou a Deus, proscreveu os deveres e proclamou apenas os direitos.

Eis porque são chegados os tempos de nos erguermos por Cristo como se ergueram os anunciadores do Anti-Cristo, optando definitivamente, ou pelo *Sim* ou pelo *Não*. Pois assim como em matemática, a multiplicação de mais por menos dá menos, isto é, da afirmação pela negação, resulta negação, também na vida moral e religiosa a multiplicação do *Sim* pelo *Não*, dá como resultado o *Não*.

Mas nós estamos fartos dessa aliança! Estamos fartos dos séculos XVIII e XIX, que insistem em viver no século XX. Não queremos mais saber do criticismo de Kant a oferecer-nos uma razão pura e uma razão prática; do positivismo de Comte, com o pé no limiar das verdades eternas, sem coragem nem para entrar nem para sair; do utilitarismo de James, com o expediente de suas duas verdades, a verdade ideal e a verdade pragmática; da dialéctica de Hegel, a fundir a tese com a antítese, realizando a síntese do ser com o não ser, do *Sim* com o *Não*; do revolucionarismo materialista que nega o livre-arbítrio e afirma o determinismo e ao mesmo tempo proclama a revolução, que é acto do livre-arbítrio e constitui negativa da evolução natural e do conceito materialista da História. Estamos fartos de *Sins* que são *Nãos* e de *Nãos* que são *Sins*.

A A L I A N Ç A *DO SIM E DO NÃO*

Queremos dizer um basta a tôda essa confusão. Afirmar ou negar. Sermos de Cristo ou de Satan, mas definirmo-nos de uma vez por tôdas. Porque esta indefinição, esta indecisão em face do Eterno, é sinal de apodrecimento e de morte. E eis que é chegada a hora de se enterrarem os mortos, ou de os despertarmos para a vida. Só assim sairemos de um catolicismo de medíocres e realizaremos um catolicismo com grandeza!

VIII

VELHAS FONTES DE NOVOS ERROS

Eis que também são chegados os dias de se unirem as nações católicas, como outrora se reuniram em face do infiel muçulmano e das heresias que na mesma altura, ameaçavam a unidade espiritual da civilização cristã. Estamos hoje, como nos dias de Tomás de Aquino, sob a ameaça de perigos idênticos, porém, de muito maior vulto; e a lição que nos deixou o Doutor Angélico adquire hoje uma oportunidade tão grande como no tempo em que ele viveu.

Sejam erguidas as nossas homenagens ao grande Aquinense. Ele soube viver a vida do seu século, escrevendo para o Gentio e para a Cristandade, afim de atrair ao grémio da Igreja os ausentes e fortalecer os presentes pelo íntimo convívio da Razão e da Fé. Ele soube ligar a sabedoria de Aristóteles à luz da Revelação, expurgando os erros do estagirita e mostrando — por tudo o que aproveitou de bom no autor helénico — que a ciência dos homens não precisa de divorciar-se de Deus e que entre o pensamento da Criação e o pensamento do Homem existe um secreto parentesco, tanto mais próximo, quanto mais o Homem se integra pela sinceridade no seio magnânimo do Pai Celeste.

Ele soube evitar-nos o perigo de um certo subjectivismo algo preciosista e das elocubrações do puro intellectua-

A A L I A N Ç A DO SIM E DO NÃO

lismo, mostrando a identidade dos interesses práticos da vida com a aspiração de verdade e de beleza da alma, e oferecendo-nos a verdadeira linha de equilíbrio ao critério normativo das acções morais. Segundo o sentido da época em que viveu, que foi o do ressurgimento do helenismo através dos árabes, êle revelou o Cristo e, assim fazendo, fê-lo segundo o sentido da Antiguidade, de que Aristóteles foi o índice mais alto, e segundo o sentido dos séculos futuros, de que o experimentalismo científico de nossos dias é o carácter mais expressivo. Uniu, pois, o Passado anterior a Cristo, ao Presente em que viveu e ao Futuro em que vivemos, e tornou-se, por isso, o mestre de todos nós, que desejamos sustentar o Evangelho em face das constantes transformações sociais e da evolução dos conhecimentos científicos.

Já não se trata, certamente, da proliferação dos erros disseminados por Avicena e Averróis, quando transmitiam a obra de Aristóteles à cultura ocidental; êsses, foram expurgados pelo Mestre dominicano, que nos ofereceu, límpido e puro de acidentes nocivos e contraditórios, o pensamento do sábio peripatético. Mas ressurgem, sob formas modernas, muitas fontes de Antiguidade, entre as quais soblevam os dois traços mais expressivos da civilização

materialista do nosso tempo: o estoicismo liberal e o epicurismo marxista.

O primeiro, torna o Espírito indefeso contra as arremetidas do segundo, por consentir acção plena às dissimuladas forças destrutivas da própria liberdade. O segundo, faz do prazer, circunscrito à vida terrena, o único objecto da existência humana, sacrificando ao mito de uma igualdade oposta à igualdade evangélica, os direitos legítimos da personalidade no que ela tem de essencial e eterno.

Entre Zenão de Cíntia (inspirador do *laissez faire* do liberalismo moderno) e Epicuro (fonte comum do capitalismo e do socialismo) surge um terceiro êrro, oriundo, como os outros, da velha Grécia e do idealismo de Platão, não sob a forma clarificada que recebemos de Santo Agostinho, mas sob a forma do criticismo e da dialéctica modernas. Esse idealismo, antepondo-se a realidades objectivas da natureza humana, produz consequências desastrosas ao espírito da vida cristã nas actividades políticas dos povos.

Do estoicismo, podemos dizer que se originam as correntes filosóficas que informam o liberalismo agnóstico; do epicurismo, podemos afirmar que procedem os pensadores revolucionários que interferem no desenvolvimento normal do determinismo paradoxalmente adoptado pelos liberais; do idealismo, diremos que derivam as concepções totalitárias do Estado.

Por mais contraditórias e antagónicas que pareçam, essas três correntes, tão velhas e tão novas, intercomunicam-se, interinfluem-se, aparentando identidades sob certos

A A L I A N Ç A DO SIM E DO NÃO

aspectos e oposição sob outros. Cada qual contém elementos das outras duas concepções do mundo e da vida e tôdas, formam o complexo dos erros modernos.

É para restituir o equilíbrio ao pensamento humano e recolocar a Verdade na confusão do século, que nos cumpre meditar e aproveitar a lição de Tomás de Aquino, não sòmente pelo que êle nos ensinou como doutrina, que é, de resto, a doutrina ministrada constantemente pela palavra do Supremo Vigário de Cristo, mas principalmente pelo que êle fêz, como acção prática.

Contra as novas formas dos velhos erros cumpre aos cristãos de todos os tempos estar alerta e, mais do que alerta, em permanente combate.

IX

EVANGELIZAÇÃO EM NOSSO TEMPO

Esta é a hora da grande evangelização.

Não se trata, como na fase das Descobertas, de levar a Cruz apenas aos selvícolas das desconhecidas florestas. Cumpre exercer a catequese nas cidades tumultuosas, criadas pela civilização do ferro e da hulha. Penetrar no seio das populações aparentemente civilizadas, porém na verdade imersas na barbárie por haverem perdido a noção do Cristo. Substituir os grosseiros ídolos modernos pelos valores espirituais. Ir de casa em casa e de fábrica em fábrica, surpreender as íntimas angústias dos que andam afastados da Luz Consoladora. Ensinar-lhes o catecismo, baptizá-los e baptizar-lhes os filhos, constituir-lhes as famílias sacramentalmente, pugnar pelos seus legítimos direitos perante os poderosos para que as negras necessidades geradas pela insuficiência dos salários, pela falta de trabalho, ou pelas doenças cruéis, não levantem nos corações, à míngua de justiça, o fogo da revolta.

Ir de rua em rua, por mansardas e palácios, abrir os olhos que o espírito das trevas cegou com o infortúnio, que é a sua mão esquerda, ou com a opulência, que é a sua mão direita.

Ir despertando corações endurecidos pela sensualidade e atraindo inteligências desviadas pelo orgulho.

Lembrarmo-nos de que Jesus, em tres anos de ministério, andou sempre de um lado para outro, e conviveu larga e profundamente com os pecadores; ensinou a doutrina e curou enfermos; anunciou a Verdade e socorreu necessitados; e sem pausa nem repouso, a trabalhar e a lutar, legou-nos o alto exemplo de uma vida de acção e de fé, pois que sem fé, toda a acção é baldada e sem acção, toda a fe nada vale.



Eis que aos pioneiros de Cristo se impõe o penetrarem nas florestas dos arranha-céus, nas cidades tentaculares! Os catecúmenos não andarão como outrora vestidos de penas, mas de casacos e gravatas. Não se esconderão nos meandros das matas virgens, mas viverão nas usinas e nos cafés, nas bôlsas e nos clubes. Não dançarão à luz da lua, em nudez inocente, estranhas danças selvagens, mas cultuarão, sob a capa de um falso cristianismo, a mais impudente sensualidade e a mais consciente vida pagã na superexcitação afrodisíaca dos cinemas, das praias e dos bailes.

Os selvagens da grande selva — a selva das chaminés fumegantes e dos animais mecânicos de corpo de ferro e sangue de hulha — não empunham mais arcos e flexas, porém metralhadoras e canhões. Encontram-se no mundo

da alta finança e no mundo das letras, nas sociedades secretas e nos "complots" revolucionários. Falam de liberdade e entregam-se à escravidão dos instintos. Clamam por todos os direitos e esquecem os direitos sagrados da sua alma, abandonada e triste no meio das dissipações e das degradantes lascívias.

Essa é a grande seara que se oferece, de modo particular, aos ceifeiros do Senhor. Na verdade, são poucos os ceifeiros e cumpre que êles se utilizem de todos nós, porquanto chegada é a hora em que nenhum daqueles que receberam e aceitaram a Mensagem Divina poderá conservar-se em inactividade.



Será, entretanto, inteiramente improficuo todo o esforço cristianizador que não se apresentar inspirado, animado e fortalecido pelo próprio Cristo. O apóstolo terá antes de tudo, de realizar em si mesmo o apostolado. É uma íntima transfiguração, uma transformação das atitudes mais recônditas da sua própria alma. É uma revolução interior, sem a qual não se pode compreender a vida cristã e muito menos transmiti-la, pois ninguém pode dar o que não possui.

Como a árvore que não pode viver, crescer e dar frutos sem estar ligada ao solo de onde lhe vem a seiva vegetal, também o cristão não será cristão, se não levar em si mesmo a presença do Mestre, a misteriosa seiva do Verbo,

que era no princípio de tôdas as cousas e que realizou um dia a aliança definitiva do Homem com Deus.

O sentimento da presença de Cristo é essencial à obra evangelizadora. É a certeza dessa presença a base de todo o edificio da nossa Fé. Uma cousa é falarmos por nós mesmos, outra é falarmos as palavras do Mestre. Mas se nos afastarmos d'Ele como poderemos ter confiança no que dizemos ao nosso semelhante? Até que ponto irá a verdade e onde começará o nosso orgulho e a fantasia de nossa imaginação?

“Eu estarei convosco até à consumação dos séculos”, disse o Mestre. E ao discípulo, cumpre fazer-se digno dessa grandiosa Presença.



Mistério inefável, a deficiência dos nossos sentidos socorre-se da fé para venerar tão grande Sacramento. Não se trata de uma abstracção como nos oferecem os homens na sua vã linguagem. É uma realidade, e não um símbolo; um seguro penhor, e não illusória promessa. A razão coopera com a fé ao aceitá-lo, porque nêle se contém uma verdade que tôdas as outras verdades esclarece e sintetiza: a presença do Cristo, tão vivo e real como o viram os apóstolos e como o veremos um dia no esplendor da sua glória.

Se não houvesse outros argumentos para o nosso raciocínio, este tornaria patente o significado grandioso da Redenção, como aliança definitiva entre Deus e o Homem. Porque não se explicaria a ausência do Reconciliador-Reconciliado, depois da Reconciliação. E essa Presença, não é uma presença doutrinária apenas, uma presença pelo sentimento legado, uma presença simbólica: é a Presença Real como segurança do recurso perene da Graça, valendo-nos em meio das trevas que conspiram contra as divinas harmonias em cujo ritmo nos devemos integrar.

No dia em que todos os homens da terra se aproximassem da Mesa Eucarística, lembrando-se de que só serão dignos de receber no seu coração o Deus Vivo, aquêles contra quem não se puder erguer uma só queixa dos seus semelhantes; no dia em que, para merecer a visita do Cristo, os homens tiverem também visitado os que necessitarem da sua misericórdia; e tiverem chorado com as dores de seus irmãos e se alegrado com as suas alegrias; no dia em que, grandes e pequenos, se recordarem de que para se tornarem dignos de conviver com o Verbo Encarnado, terão de praticar actos de recíproca bondade, nesse dia, haverá no mundo aquela desejada paz que os estadistas não sabem dar, pois ela deriva de uma outra paz, que não é a paz dêste mundo.

A A L I A N Ç A
DO SIM E DO NÃO

Como estas palavras nos distanciam do espírito geral do século em que vivemos, êste século herdeiro de todos os erros do século XIX; êste século das grandes "toilettes" e dos tristes andrajos; das jóias e perfumes de alto preço e dos entes sub-alimentados das metrópoles cintilantes; da alegria pagã dos "dancings", dos hotéis cosmopolitas e dos casinos internacionais, mas também das íntimas perturbações das consciências minadas pelos vícios de uma civilização que perdeu o senso dos deveres e apenas clama pelos falsos direitos a uma felicidade baseada na desordem moral!

Como, entretanto, as nossas palavras cantando o excelso Sacramento purificador, pacificador e glorificador, nos aproximam das nossas raízes lusitanas!

Elas exprimem a fôrça de uma vocação histórica, de um destino grandioso. Compreenderam-nas e proclamaram-nas aquêles reis e cavaleiros que desceram das montanhas da península e fundaram a Grande Nação; e aquêles navegantes portadores da Cruz em todos os mares do planeta; e aquêles missionários que devassaram as selvas; e aquêle altíssimo Poeta que os mais altos ideais da lusitanidade, cantando, espalhou por tôda a parte...

•



O APOSTOLADO LUSÍADA

Falo-vos como um beneficiado e ao mesmo tempo herdeiro do génio missionário de Portugal! Há quatro séculos, os navegantes lusos aportaram a uma terra desconhecida a que deram o nome de Santa Cruz. Brilhava no céu desse país uma Cruz de estrêlas. E, no dia de Santa Cruz, a 3 de Maio, os navegantes plantaram, numa clareira da floresta virgem, em meio aos selvícolas deslumbrados, uma Cruz talhada em madeira da própria região. Diante dela ergueram um altar e, na manhã luminosa e colorida de pássaros bizarros e flores exóticas, a Hóstia Santa elevou-se no Novo Mundo. Nosso Senhor Jesus Cristo comparecia pessoalmente nas lindas matas do meu país!



A Europa, por êsse tempo, vivia um período histórico de certa forma parecido com o de hoje. Era a Renascença. Floresciam as artes e as indústrias e a civilização ocidental tomava contacto com os génios da antiguidade clássica, ao

mesmo tempo que estabelecia relações com o Extremo Oriente. Um artífice de Mogúncia inventara, no século anterior, curioso processo de gravar caracteres sobre o papel, e essa invenção aperfeiçoada, difundia agora amplamente a ciência que antes se reservava a poucos privilegiados. O comércio, entrelaçava os países, trocando entre os povos tôda a sorte de confortos. Um sôpro de renovação dos costumes encerrava o ciclo da chamada Idade-Média. Entre Deus e o bezerro de ouro, a humanidade inclinava-se para êste, cousa que acontece geralmente nas fases de prosperidade material.

Também, como acontece em tempos de sentido materialista, afervorava-se a fé em todos aquêles que não se conformavam com o predomínio das vaidades terrenas e com os limites estreitos do utilitarismo. Êsse afervoramento incendiou os corações nas Espanhas e despertou o grande anseio missionário.

Os que adoptam o conceito materialista da História, para explicar os acontecimentos humanos, costumam attribuir às actividades navegadoras dos portugueses unicamente o objectivo comercial. Não admira. A incapacidade para visionar conjuntos foi característica do século XIX e começos dêste.

Assim, os historiadores unilaterais não viram na epopeia das Descobertas senão o móvel mercantil de acertar o caminho mais curto por onde ir buscar as especiarias. Preferiram a pimenta e a canela aos mais altos ideais da gente peninsular.

O episódio trágico de Alcácer-Quibir mostra-nos, entretanto, a realidade espiritual, palpitante, no ímpeto conquistador da gente lusitana. Foi uma loucura, dizem os utilitários; foi um sonho, dizem os que possuem alma de paladinos. E nós dizemos: — quem não fôr capaz de nobres sonhos não compreenderá jamais D. Sebastião...

A coincidir com o sacrifício nos areais africanos, resplandece — fúlgido sol a iluminar o quadro histórico — o poema arrebatador de Camões, cantando “as memórias gloriosas daqueles reis que foram dilatando a fé...”.

Como terceiro testemunho do apostolado cristão de Portugal, lá está, do outro lado do Atlântico, uma grande Pátria em cujas cidades e aldeias do seu vastíssimo território, nos campanários das igrejas, ermidas e capelas, cantam sinos, anunciando ao mundo a obra cristianizadora de um povo que inscreveu na sua bandeira, como sinal do seu destino, a cruz do Redentor.

Hoje, decorridos quatro séculos, desde que os Padres da Companhia de Jesus abençoaram, no planalto de Piratininga, o matrimónio de duas raças, dois continentes, dois

A A L I A N Ç A DO SIM E DO NÃO

mundos; e, penetrando a densa floresta, lançaram, de tribo em tribo, a semente evangélica, o fermento do Reino de Deus, — eis-me diante de vós, portugueses, para vos lembrar, numa fase histórica das mais críticas para a Humanidade, o papel que nos cabe, a portugueses e brasileiros, irmanados no espírito lusíada, como anunciadores da Verdade a um mundo que desmorona e rola, de abismo em abismo, por haver fechado os olhos à luz, desprezando o caminho da salvação e renegando a verdadeira vida.

Portugueses! Vibra no meu sangue, de mistura com o vosso, o sangue daquele povo cândido e inocente, que pervagava as áreas territoriais da Grande Pátria. É o sangue que chamaste para a confluência do vosso próprio destino, integrando-o no Corpo Místico de Cristo! Clamam na minha voz os clamores da selva — clangorar de poemas, retumbos de maracás e porandubas — que despertastes no século XVI e hoje vos é testemunho do Passado e exigência do Presente: porque tivestes a responsabilidade de nos fazer como somos e nós, por conseguinte, temos o direito de exigir que sejais como fôstes!

Seja portanto, o resumo de minhas palavras a proclamação da realeza de Cristo. Proclamação feita por um brasileiro, no meio de portugueses, a exprimir a união de duas Pátrias dentro do Evangelho.

O nosso Rei está presente no Tabernáculo dos nossos altares. "Ninguém é como Ele. Tudo faz bem feito". No seu coração, só há bondade, porque "é manso e humilde". "O seu fardo é leve". "O seu jugo é suave". Ele nos compreende. Só Ele sabe consolar-nos em nossas dores. Bom pastor, conhece as suas ovelhas, distingue os nossos inimigos, mesmo quando usem uma linguagem dissimulada, pois "não necessita que alguém testifique do homem, porque bem sabe o que há no homem"; Pai magnânimo, recebe-nos em sua casa, mesmo quando dela nos temos afastado, bastando que nos arrependamos. Bom amigo, senta-se à nossa mesa indigna e toma parte em nossas alegrias. Bom médico, cura as nossas enfermidades, principalmente a enfermidade da tristeza. Bom viajante, escolhe a casa dos que menos o esperam, para nela pernoitar. Mestre incomparável, sabe ensinar de tal forma, que tanto os inteligentes como os rudes, facilmente o podem perceber. Guia perfeito, mostra-nos o perfeito caminho. Companheiro de jornada, está conosco em todos os instantes e não nos faltará no supremo instante em que para sempre iremos com Ele habitar. Louvado seja, pois, e glorificado, o nosso Rei. Com Ele nada temeremos, porque "contou até os cabelos da nossa cabeça". Com Ele nada nos faltará, "porque veste os lírios do campo e os pássaros do céu". Com Ele iremos pelo mundo, a anunciá-lo ao mundo, para que o mundo se glorifique em conhecê-lo. Para que o mundo se salve e haja paz sobre a terra.

A A L I A N Ç A
DO SIM E DO NÃO

A proclamação ⁽²¹⁾ dessa realeza eleva-nos e dignifica-nos. Porque a termos de servir a alguém, mais nobre é servir a Deus do que aos poderosos da terra e aos caprichos dos homens.

Foi assim que pensou Francisco de Assis, em tempos afastados, na terra da Umbria.

Ele viveu, de certa forma, no período da sua mocidade, esta mesma angústia que nos consome, esta inquietação dos dias presentes.

A chama de um alto sonho brilhava nas suas horas de enlêvo e de transporte. Sonhava a glória de um grande destino. Sonhava ser cavaleiro.

Aos seus ouvidos chegara a fama de um herói gentil na paz, forte na guerra. Era Gualter de Briena, capitão famoso, condutor de soldados valentes.

Francisco sonhou ser armado cavaleiro pelas mãos de tão alto paladino cuja espada fulgurava fascinando a juventude do seu tempo.

Partiu um dia Francisco pela estrada de Spoleto. Era um guapo gentil-homem, a pluma atirada ao vento, os joe-

lhos firmes na sela chapeada de ouro e prata. Queria servir ao Príncipe do Mundo.

Mais eis que em Spoleto, continuando a jornada, agora em visões da noite, escutou uma voz.

— Francisco! brada a estranha voz.

É a hora do sol a pino. No silêncio da campina, guardam as árvores, recolhidas, as próprias sombras dentro de si mesmas. Nem uma ave pipila: E a voz repete: — Francisco!

É preciso responder. São as árvores acaso, acaso o sol, os montes que lhe falam e, falando, não sabem outra palavra senão o seu nome?

— Que me queres? interpela Francisco.

Porém a misteriosa voz, à pergunta de Francisco, opõe outra pergunta:

— Que queres, Francisco? Servir ao servo ou servir ao Senhor? Servir ao vassalo ou servir ao Rei?

Cavaleiro andante, cavaleiro de espavento, paladino medieval de um grande sonho, o jovem não tergiversa:

— Prefiro servir ao maior, quero servir ao Rei.

O invisível interlocutor ordena-lhe:

— Volta então para tua casa e aguarda.

Francisco regressa. A sua inquietação é maior agora. A sua angústia não tem limites. Como interpretar o diálogo da estrada de Spoleto?

Certa vez, estando aos pés do Crucifixo, em São Damião, o Cristo, compadecido pelos tormentos daquela alma, revela-se, fala-lhe. E Francisco, tudo compreendendo, enceta a sua "vita nuova", aquela vida nova que todos nós temos oportunidade de procurar um dia.

A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO

Meus amigos! Não vim aqui esta tarde para vos embriagar e me embriagar com as minhas próprias palavras.

Seria um desrespeito aos sofrimentos actuais do mundo, às catástrofes que abalam a humanidade, reünirmo-nos para assistir a um queimar de fogos de artifício, a um esplendor momentâneo de frases de armar feito.

Darei por perdidas estas horas convosco, por inteiramente inútil o tempo que aqui gastámos — eu a falar e vós a ouvirdes — se não conseguir lançar ao menos uma pequenina inquietação dentro de vossas almas.

Tenho a certeza de que todos os homens, no fundo, sofrem cousas semelhantes: tenho certeza de que cada um de vós traz consigo uma preocupação íntima: desencantos, perturbações secretas ou sonhos silenciosos.

Eu vos lanço esta pergunta, a mesma que se fêz a Francisco na estrada de Spoleto: “a quem desejais servir? ao vassalo ou ao Príncipe?”

Seria puro engano responder: não quero servir a ninguém.

Porque quem assim responde serve a si mesmo, e serve ao mais terrível e humilhador de todos os senhores, ao mais exigente, de appetites mais ferozes, de crueldade mais cruel. Servindo a tão caprichoso senhor, serve ainda aquele outro que, no comêço dos tempos, dirigindo-se a Deus exclamou: "Não sirvo!" e isto dizendo precipitou-se nas trevas.

De facto, todos nós servimos. Uns servem à sua pequenina glória, outros servem às suas riquezas, outros servem à sua carreira, outros servem aos potentados do momento, outros a alguém a quem amam e os tiraniza, outros finalmente, os mais indignos, servem aos grosseiros appetites e desenfreamentos das paixões.

Tudo isto é servir ao vassalo, não é servir ao Rei, não é servir ao Supremo Senhor.

É servir como sonhára servir o filho da Umbria, fazendo brilhar a séla de prata e o ferro da armadura ao sol da sua terra.



Mas Francisco, desejando tanta glória, tôda a glória, ouviu a fatal voz.

Ai de Francisco, ai do guapo cavaleiro que escutou a fatal voz! Ai dos sonhos — quantos sonhos! — todos sonhos dêste mundo se esfizeram...

A A L I A N Ç A DO SIM E DO NÃO

Francisco já não encontra nenhuma glória em trabalhar para os poderosos da terra! Pensa agora em ser armado cavaleiro pelo Senhor dos Senhores, o verdadeiro Senhor.

Francisco quer uma espada, não uma espada precária como as espadas do mundo. A espada que quer agora, é aquela que brilha sempre, aquela que não quebra, que não verga, que resplandece eternamente, quer seja à luz dos triunfos, quer seja à luz do martírio! Chama-se a espada da Fé...

Nossa Fé em Jesus-Cristo: Fé que remove montanhas e que promove milagres, — com Ela tudo se torna possível, principalmente o prodígio da nossa transfiguração... É o gládio do bom combate, traço de luz indicando, quando na História se faz noite, o caminho que não erra...

Será empunhando essa espada que nós, portugueses e brasileiros, poderemos recomeçar, quando houver terminado o ciclo tormentoso do ferro, a obra imortal da civilização atlântica.

Faremos relampejar no mundo imerso na barbarie a luz d'Aquêle que é a única verdadeira luz. Pela palavra, pelo exemplo, pelo amor e pelo sacrifício, batalharemos servindo Àquele que é o Rei do mundo.

Rei Supremo, que engrandeceu nossos Maiores, armando-os cavaleiros, fazendo-os navegantes desbravadores dos

mares e sertanistas decifradores da selva. Rei dos nossos Reis e supremo Rei dos Reis da terra; grande Rei que nos chama como chamou nossos avós, prodigalizando às gentes lusíadas as mercês da sua Graça: — inspiração de Poetas, lealdade de Cavaleiros, virtude de Santos, fidelidade de Governantes, coragem de Guerreiros, nobreza de véra estirpe, grandeza de lusitanos!

Eu vos convido, portugueses, a servirmos a êsse Grande, Altíssimo Senhor! Seja êsse o meu apêlo, seja essa a inquietação que espero deixar em vossas almas. E se a centelha dêste fogo vos queimar e se fizer incêndio de almas, darei por bem aproveitada esta tarde e erguerei meus agradecimentos ao Cristo, porque só Êle é capaz de preservar da destruição a vossa e a minha Pátria, unindo-as, cada vez mais, pelo sentido lusíada em que deverá exprimir-se a verdadeira civilização atlântica.

O MISTÉRIO DA CEIA

Meditando sôbre a Última Ceia de Jesus com os Apóstolos, perguntamo-nos: porque motivo o Mestre antepôs à cerimônia da instituição da Sagrada Eucaristia, a cena do Lava-pés e, logo em seguida à transubstanciação do pão e do vinho, tendo comungado os Discípulos, declarou que lhes deixava um novo mandamento expresso na frase “amai-vos uns aos outros”?

O “porquê” daquela cena e daquelas palavras, torna-se mais fascinante quando ouvimos em resumo de tudo quanto disse e fez ao despedir-se dos Doze, Jesus afirmar-lhes que lhes deixava a sua Paz. Vemos assim o anúncio inicial dos anjos aos pastores de Belém à hora do nascimento do Messias, confirmar-se na hora extrema do ministério evangélico, e confirmar-se numa forma testamentária.

Os anjos haviam cantado: “paz na terra aos homens de boa vontade”; e o Cristo agora confirma a proclamação celeste, dizendo: “A minha paz vos deixo”.

Tôdas estas circunstâncias, que rodeiam a instituição do Sacramento da Eucaristia, ligam-se, intercomunicam-se, interfundem-se num sentido único, a resumir a doutrina do Mestre e a exprimir a significação divina do sacrifício redentor.



O episódio da Última Ceia é um episódio-síntese.

Como as sínteses perfeitas, exprime-se numa composição harmoniosa de lineamentos, sem faltas nem excessos, como convém aos actos definitivos e definidores, a traduzir uma idéia completa, uma idéia a conter um mundo de idéias.

Tôda a doutrina que o Mestre havia disseminado em discursos durante três anos; as revelações transmitidas no calor das polémicas ou na intimidade dos diálogos; as promessas tantas vezes repetidas, — eis que tudo se compendia na cerimónia derradeira, como êsses maravilhosos ocasos em cujos panoramas o sol faz esplender o conjunto das côres isoladas em cada aspecto da natureza.

O ocaso é o anúncio da aurora próxima.

A Ceia é o ocaso do sol que se vai ocultar para de novo nascer e fulgir. A paixão, a morte do Cristo aproximam-se. O mundo rejeitará a luz e preferirá a treva. Mas a luz ressuscitará e caminhará saindo do próprio seio da noite. ●

Será sempre assim, através dos tempos. Os homens rejeitarão o Cristo, matá-lo-ão muitas vezes; enterrá-lo-ão. O sol será sepultado no ocaso dos séculos decadentes. Renascerá nos séculos fortes e palpitantes de vida espiritual. Renascerá espancando os terrores nocturnos, as sombras agitadas dos mêdos e dos ódios recíprocos entre os povos.

Pelo milagre da luz esvair-se-ão os fantasmas das cóleras desencadeadas e os duendes sinistros da loucura.



A Ceia realiza-se sob a pressão do terror.

O Mestre está sendo procurado e sabe que o seu assassinio já foi decidido. Sabe que será prêso dentro de momentos; que será entregue aos algozes; que será morto no dia seguinte.

Lá fora, agitam-se os esbirros; confabulam os conjurados; concertam-se os planos. A fisionomia inquieta de Judas, que está presente, reflecte o que se passa nas ruas e nas assembléias dos conspiradores. Um frémito de angústia perpassa os discípulos. Mas Jesus tem hoje, nesta hora, uma attitude de majestade sobrenatural.

É a primeira vez, em todo o seu magistério, que vai exercer as funções de supremo sacerdote. É nesta hora que instituirá um novo rito: o que vai substituir os velhos ritos. Por isso, o mundo velho dará lugar a um mundo novo. Haverá, de agora em diante, um novo mandamento. O mandamento que renovará a face da terra.



O novo rito está ligado ao novo mandamento. Sem um, o outro não pode subsistir.

A Eucaristia é uma dádiva; é a oferta que se faz o próprio Cristo aos corações dos homens. Ora, como não é possível a ninguém oferecer a outrem qualquer coisa se não fôr movido por um impulso de amizade, segue-se que toda a oferta é precedida pelo amor. Do mesmo modo, ninguém objectivamente dirá que estima alguém, se essa estima não se concretiza objectivamente em ato de oferta, em dádiva. Dar é traduzir em acto o verbo amar. O espírito cristão revela-se, pois, em permanente ofertório.

Jesus cumpre simbolicamente o grande mandamento, minutos antes de o cumprir em realidade doando-se aos discípulos e a todos nós sob a forma do pão e do vinho. Cumpre-o simbolicamente na cena do Lava-Pés, com que precede o Mistério Eucarístico e antecipa o seu próximo martírio.



O Lava-Pés é uma síntese. Significa, de um modo geral, que devemos prestar serviços uns aos outros. Socorrer materialmente, intelectualmente, espiritualmente ao próximo. Se não servirmos ao nosso próximo, não serviremos a Jesus. Se não servirmos a Jesus, não seremos dignos de sermos servidos por Ele, isto é, de usufruirmos as vantagens do seu sacrifício e de o recebermos em nosso coração.

O Mestre lava os pés dos discípulos, inclusive de Judas. "Se assim procedo, procedei também vós, mostrando-vos humildes e benevolentes até mesmo para com aquêles que vos querem mal".

Jesus é realista. Não se perde nas elocubrações dos ideólogos, que pretendem resolver o problema social com teorias vagas e utópicas de uma felicidade a funcionar como um maquinismo. Nunca de seus lábios saiu essa palavra vaga, abstracta, absurda e desumana que tem servido de desculpa aos hipócritas para negarem o conforto imediato que lhes pede a miséria que dêles se avizinha: essa palavra "humanidade". A "humanidade" é a imagem puramente cerebral do conjunto humano. O de que Jesus fala é do "próximo". Porque o "próximo" é a imagem real e tangível do Homem em particular e do Homem em geral. Se não resolvermos o problema do nosso "próximo", não resolveremos o problema do conjunto de "próximos" que formam a pluralidade humana, ou seja essa abstracção que os filósofos socialistas denominam a "massa coletiva". Cada homem singular tem sua fisionomia própria, suas aspirações, suas necessidades, seus problemas absolutamente próprios e cuja solução, se fôr dada visando a pluralidade, nem sempre poderá condizer com o carácter intrínseco de seus peculiares, exclusivos anseios.

*
* *

Servir uns aos outros é servir com conhecimento de causa. É o exercício activo da caridade. É o novo mandamento. Foi por êle que se fêz na montanha a multiplicação dos pães. Naquela altura, o Mestre não transformou instantaneamente os cinco pãezinhos numa tôrre de pães. Podia fazê-lo, mas não o fêz. O Mestre determinou que a multidão se dividisse em grupos e que, dentro de cada grupo, cada pessoa repartisse o pedaço de pão com o companheiro mais próximo. Foi assim que os pães se multiplicaram. Multiplicaram-se pelo acto de dar, de abrir mão de uma parte em benefício de outrem. Nesse acto havia dois elementos: o amor consagrado ao vizinho a quem se dava; e o amor ao Cristo pela obediência e confiança a Êle ofertadas. E até hoje os problemas sociais só podem ser resolvidos com êsses três elementos: amor, obediência e confiança.

● *
* *

Agora, na Ceia, o Mestre usa de outra imagem: lava os pés dos discípulos. Diz que êle próprio veio ao mundo para servir. Que cada um dos discípulos, presentes e futu-

ros, deve compenetrar-se de que estamos no mundo para servir uns aos outros, servindo a Deus. A caridade ou amor é mandamento que enobrece, porque dar enobrece. E como o que recebe retribui em consôlo e satisfação íntima ao doador, segue-se que, recebendo, também dá alguma cousa. Cria-se, dessa forma, uma doce comunhão de sentimentos entre os homens e é dêsse estado de espírito que se origina a paz possível sôbre a terra. A paz digna, porque não é mantida sob o terror inspirado pelo mais forte. A paz cuja base repousa na confiança e no amor.

Se os homens e as nações temem-se e odeiam-se reciprocamente, como pode haver paz no mundo? É preciso combater tôdas as teorias capazes de suscitar contendas. Substituir todos os princípios de divisão pelos princípios de união.



É interessante observar como Jesus liga intimamente o acto de servir ao acto de pacificar. A Pedro, que relutava dizendo: "não consinto que me laves os pés", o Mestre responde: "Se eu te não lavar não terás parte comigo", querendo significar que entre o que dá e o que recebe estabelece-se um pacto profundo. É dêsse pacto que provém a paz.

A frase de Pedro e a resposta de Cristo tornam evidente, impressionantemente evidente, outro aspecto da condição fundamental a toda paz entre os homens: o espírito de humildade. Porque há uma atitude de humildade em todo aquele que aceita de bom coração. O Cristo abaixa-se até à condição humana de Pedro e propõe: "Se eu não te lavar não terás parte comigo"; e Pedro eleva-se à altura divina de Cristo, aceitando a oferta: "se é assim como dizes, Senhor, lava-me também as mãos e a cabeça".

Os homens, entre si, deverão também fazer o mesmo. É o sentido da cooperação humana, sem o qual será impossível manter, contra as forças destruidoras, os fundamentos essenciais da civilização inspirada pelo Cristo.

A paz sobre a terra (já o tinham proclamado os anjos na noite natalícia de Belém) só é possível "aos homens de boa vontade".

Naquela maravilhosa Última Ceia, o Cristo fez o seu testamento, legou-nos a sua herança, entregou-nos a chave da Paz.

Paz subjectiva e paz objectiva. Paz das consciências e paz entre os homens. Paz no seio das famílias e paz na sociedade. Paz no convívio interno das Nações e paz nas relações externas entre os povos.

A paz de Cristo realiza-se na perfeita comunhão de sentimentos entre os homens. "A minha paz vos deixo; eu vo-la dou como o mundo não a dá". Essa paz eucarística tem seu inicial fundamento no pacto, na aliança entre Deus e os homens. Dando-se aos homens em corpo, sangue, alma e divindade, o Cristo prometeu-nos: "eu estarei em vós, como estou no Pai e o Pai em mim, e o Pai estará em vós". Os homens, pelo Mistério Eucarístico, passam a ser portadores de Deus. Levam consigo o sentido dos ritmos perfeitos, o segredo universal das harmonias supremas. Basta que o queiram, basta que compreendam a maravilha de tão grande dádiva e aceitem a herança viva e palpitante de realidade e de verdade que o Cristo nos legou na misteriosa noite de sua Última Ceia.

A presença divina em nossos corações dar-nos-á forças para vencer em nós mesmos tudo o que suscita a discórdia entre irmãos: a cólera, a inveja, o ódio, a concupiscência, a preguiça, a avareza, o orgulho insensato. Essa presença fortalecerá a nossa capacidade de compreensão, de perdão, de sacrifício, de cooperação e de harmonia.

A ceia terminou. A noite vai alta. Os discípulos retiraram-se. O Mestre chama Pedro, Tiago e João. E eis que vamos ouvir misteriosas palavras, tão oportunas nos dias que vivemos:

— "... quem não tiver espada, venda o seu vestido e compre-a".

Que palavras são estas? Não nos prometeu o Cristo a sua Paz? Pois se cumprindo o seu novo mandamento, teremos paz, então porque nos manda comprar uma espada?

Aquêles que lutam em todos os séculos contra as heresias do mundo; contra os venenos ocultos ou patentes que corroem a sociedade; os que estão alerta contra os perigos actuais e futuros; os que estão dispostos a tudo sacrificar pelo Mestre incomparável — compreendem o que Jesus quis dizer.

E todos os que lutamos contra nós mesmos, os que escutamos entre as vozes confusas do nosso mundo interior, os gritos trágicos de tudo quanto, no fundo do nosso ser, reclama o seu quinhão de treva, todos nós compreendemos que a Paz de Cristo não é a paz dos cemitérios, a paz dos pântanos, a paz dos que ensurdeceram, e cegaram, e se transformaram em pedras inertes, e se cristalizaram nas formas das virtudes estáticas. A paz de Cristo é uma paz de vivos, de vivos despertos, de vivos em acção, uma paz militante, conquistada, dia a dia, minuto a minuto, pelo esforço com que nos libertamos das forças negativas e marchamos para Aquêlle que é a Luz, o Caminho e a Vida.

NOTAS

(1) Apontamentos das gravuras e legendas de "L'Exposition Universelle de 1867", publicação oficial dirigida por M. Fr. Ducuing — Paris.

(2) São mencionados apenas alguns dos numerosos aparelhos e maquinismos que figuram na Exposição de Paris de 1867. Uma enumeração mais pormenorizada não caberia numa conferência do carácter e finalidade da presente. As breves referências aqui feitas para dar uma idéia da situação dos progressos técnicos nos meados do século XIX, extraímo-las do minucioso relatório que o cientista português Francisco da Fonseca Benevides, encarregado de estudar a Exposição Universal de Paris, apresentou no seu regresso a Lisboa. Esse trabalho foi publicado em livro profusamente ilustrado, no mesmo ano de 1867.

(3) A guerra franco-prussiana estalou três años depois, com as conseqüências fulminantes que conhecemos. A guerra entre a Rússia e a Turquia, já então latente, explodiu nove anos mais tarde, terminando com o Congresso de Berlim, convocado pela Inglaterra e a Austria, temerosas de que a influência russa nos Balcans rompesse desastrosamente o equilíbrio europeu. Pode-se dizer que essas duas guerras tornaram-se origem de tôdas as outras guerras no futuro.

A A L I A N Ç A DO SIM E DO NÃO

(4) Como documento a revelar o culto fanático pelas palavras desprovidas de sentido e sem correspondência com as realidades do tempo, o Imperador Napoleão III pronunciou o seguinte discurso, ao receber nas Tulherias, a 4 de Agosto de 1867, os comissários estrangeiros à Exposição de Paris:

“La démarche que vous faites auprès de moi me touche profondément et me fournit l'occasion de rendre justice à l'esprit de conciliation et d'amicale entente qui vous a constamment animés dans l'exercice de vos délicates fonctions.

“Si vous rapportez chez vous un bon souvenir de l'accueil que vous avez reçu en France, de notre côté nous nous rappellerons toujours avec plaisir cette grande fête internationale où tant d'étrangers de distinction sont venus ajouter à son éclat.

“Répresentants de la pensée et du travail dans toutes les parties de l'univers, vous avez vécu quelque temps parmi nous d'une vie commune, et vous avez pu vous convaincre que toutes les nations civilisées *tendent de plus en plus à ne former qu'une seule famille*. De ce concours d'intelligences si variées, de cette fusion des intérêts de tous les peuples, *naîtra, je n'en doute pas, l'harmonie si nécessaire aux progrès de l'humanité*.

“Je vous remercie, messieurs, les paroles que vous m'adressez pour l'Impératrice et pour mon Fils; ils partagent ma reconnaissance pour vos efforts, ma sympathie pour vos personnes, et *me voeux pour la paix du monde*”. (Extraído de “L'Exposition Universelle”, número de 8 de Agosto de 1867. Os itálicos são nossos).

(5) O bispo de Olinda (Pernambuco), D. Vital Gonçalves de Oliveira, tornou-se, nos meados do século XIX, o centro da reacção católica brasileira contra a insidiosa manobra de infiltração maçónica nas associações reli-

glosas e em tôdas as expressões culturais e sociais da vida cristã do Brasil.

O primeiro rebate fôra dado pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, em advertência aos seus diocesanos. Imediatamente se levantou acalorada discussao pela imprensa em torno do assunto, envolvendo os partidos e ecoando no parlamento. A essa altura, o jovem prelado de Pernambuco surgiu na arena, lançando o seu interdito sobre as irmandades religiosas que não expuissem os maçons do seu seio.

Por intermedio do ministro do Império, Conselheiro João Aliredo, o Imperador D. Pedro II fez sentir a D. Vital a conveniência de suspender o perigoso conflito. Mas D. Vital a nenhuma consideração atendeu e o interdito não foi levantado.

Semelhante atitude provocou as iras do Govêrno, ao tempo chefiado pelo Grão Mestre da Maçonaria Brasileira, o Visconde do Rio Branco. Reünio-se o Conselho de Estado. Foi dirigido um ultimatum aos bispos recalcitrantes (pois já agora aderira à atitude de D. Vital o seu colega do Pará, D. António de Macedo Costa). Deu-se-lhes prazo de 15 dias para levantar o interdito, sob pena de processo criminal.

Os ilustres prelados não cederam. Foram prêsos e transportados para o Rio de Janeiro. Julgou-os o Supremo Tribunal de Justiça, condenando-os a 4 anos de prisão com trabalhos forçados. O Imperador comutou a pena em prisão simples.

Encarcerado na fortaleza de São João, D. Vital publicou a sensacional carta pastoral do Domingo da Ressurreição de 1875. Nêsse impressionante documento, o grande capuchinho que tão nobremente honrou a cadeira episcopal de Pernambuco, revelou aos católicos brasileiros todos os documentos maçônicos da época, nos quais se contém o plano de destruição da Igreja pela dissimu-

lação dos verdadeiros objectivos da seita sob a capa de uma falsa religiosidade. Essa histórica epístola foi publicada em Portugal (Livraria Editora Teixeira de Freitas, Guimarães, 1879) sob o título de "A maçonaria e os jesuitas", contendo na segunda parte a defesa da Companhia de Jesus, que vinha sendo violentamente atacada naquele tempo.

A atitude de D. Vital teve largas conseqüências na vida brasileira, datando desde então o movimento de cultura católica, mais tarde concretizado no benemérito "Centro D. Vital", que congregou nomes como os de Jackson de Figueiredo, o impetuoso chefe leigo da "Acção Católica" prematuramente falecido; Jonatas Serrano, Hamilton Nogueira, Sobral Pinto, Madeira de Freitas, Perilo Gomes, Alcibiades Delamare, Tasso da Silveira, Durval de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Bandeira de Melo, Pedro de Oliveira Ribeiro, Francisco Caran, Melo Vieira, e o infatigável Tristão de Ataíde (Alceu de Amoroso Lima), para só enumerarmos os das novas gerações, já na fase da República, numa citação naturalmente omissa pela falta de documentação bibliográfica ou jornalística em nosso poder.

(5) Villefranche, em "Pio IX, sua vida, sua história e seu século", versão portuguesa prefaciada pelo sr. Camilo Castelo Branco. Edições de Matos Moreira & C.^a, Lisboa, 1877.

(7) É preciso ficar bem claro: não condenamos a máquina, mas a subordinação do homem a ela. A máquina é escrava do homem e não o homem da máquina. A máquina deve ser instrumento de progresso e de libertação; mas se o homem não a dominar será rebaixado e subjugado pelo "espírito da máquina". O "espírito da máquina" é esse sentido de materialismo e de mecanização da sociedade, que dia a dia se acentua pela trituração

da pessoa humana e dos grupos naturais nas engrenagens do industrialismo, do super-capitalismo, do estadismo absorvente, que são os precursores técnicos do comunismo bolchevista, do qual o liberalismo representa o papel de veículo. O assunto exigiria largo desenvolvimento, incomportável num trabalho da natureza e feição dêste. É tema a pedir uma conferência e não uma nota no curso de outros pensamentos. O que desejamos registrar, para que não haja dúvidas, é que as desgraças actuais da humanidade não as atribuímos à máquina, mas à incapacidade moral e espiritual do homem em face da máquina. Em vez de exercer a sua legítima soberania, o Homem está vivendo sob a ditadura mecânica, vilipendiado e esmagado pelo tirano de aço e ferro que inspira todo o ritmo da nossa catastrófica civilização.

(8) "A l'aurore du siècle — coup d'oeil d'un penseur sur le passé et l'avenir", de Luís Buchner, tradução de L. Laloy — Edição da Librairie C. Reinwald, Paris, 1901.

(9) Conquanto a psicologia experimental seja agnóstica, desinteressando-se inteiramente das preocupações metafísicas, não acontece sempre o mesmo aos psicólogos experimentais. São quasi todos materialistas. Na verdade, entre a afirmação e a negação, o agnosticismo não se acha exactamente no meio, como quer fazer supor...

(10) Referimo-nos aqui unicamente às correntes filosóficas mais vulgarizadas no século XIX e cujas consequências na vida social e política desse periodo nos parecem mais sensíveis. As melhores das apreciações acerca dessas correntes, deu-a, no Brasil, o filósofo Farias Brito, nome infelizmente quasi desconhecido em Portugal, apesar de ser o mais alto pensador das duas Américas. Em sua obra "Finalidade do mundo", Farias Brito analisa, um por um, os sistemas de filosofia em voga no século

XIX, detendo-se, especialmente, no estudo dos positivismos de Spencer e de Comte. São páginas de extraordinária lucidez e empolgante beleza.

Lamentamos não ter em mãos nenhum dos livros do insigne filósofo, que tanto concorreu (não sendo ele ainda um católico) para trazer ao espiritualismo e finalmente ao catolicismo, grandes espíritos desviados da Verdade pelo monismo haekeliano e pelo positivismo de Spencer e Comte, que eram então correntes no Brasil; daríamos maior brilho a esta conferência transladando alguns dos impressionantes períodos do insigne pensador quando descreveu o desmoronamento de todos os edifícios da filosofia do século XIX e previsionou, com argúcia profética, o panorama dos dias que vivemos.

As obras principais de Farias Brito são: "Finalidade do mundo", em três volumes; "Base física do espírito"; "A verdade como regra das acções" e "O mundo interior".

(11) Para perfeita compreensão do problema da hulha como base da riqueza e grandeza dos povos neste período que podemos denominar "civilização siderúrgica", recomendamos a obra do notável engenheiro brasileiro Pires do Rio, intitulada "O combustível na economia universal". Publicada em 1916, as suas previsões, baseadas em dados estatísticos rigorosos, realizam-se hoje plenamente na política mundial e nas conseqüências da guerra em nossos dias. Esse livro, de que se tirou uma segunda edição, há cerca de 5 anos, deveria constituir uma leitura obrigatória a todos os portugueses e brasileiros e, de um modo geral, a todos os latinos e aos povos meridionais do planeta, afim de combaterem com argumentos irrefutáveis as falsas teorias de superioridade racial em que se encastelam os povos nórdicos com o objectivo de distrair as atenções impedindo que se possam desenvolver raciocínios àcerca da desigualdade da distribuição da hulha no sub-solo das diferentes regiões da terra.

(12) Francisco Adolfo Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, em sua "História do Brasil", Tômoo II, Cap. LIII.

(13) Trata-se da fábrica do Ipanema (S. Paulo) e de seu director Luiz Frederico Guilherme Varnaghen, pai do historiador Porto Seguro, para ali enviado pelo Conde de Linhares.

(14) Há trinta anos atrás, ao iniciar-se a primeira Grande Guerra, as maiores produtoras de carvão no mundo eram, entre tôdas as nações, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Alemanha, as quais monopolizavam três quartos da produção mundial, colocando-se na seguinte ordem:

Estados Unidos	569.960.219 toneladas
Grã-Bretanha	321.922.130 "
Alemanha	305.714.664 "

vindo depois a Austria, a França, a Rússia. Em consequência de tão grande privilégio geológico, êsses países apresentavam-se também como os maiores produtores de ferro, com a seguinte colocação:

Estados Unidos	31.482.406 toneladas
Alemanha	19.291.920 "
Grã-Bretanha	10.481.917 ,

sendo as posições dos outros países mais em destaque, assim estabelecidas: França, Rússia, Austria, Bélgica, Canada, Suecia, Italia.

Quanto ao aço, naquele ano de 1914, a produção era a seguinte:

Estados Unidos	31.822.555 toneladas
Alemanha	19.291.920 "
Grã-Bretanha	7.543.187 "
<i>Total</i>	58.657.662 "

A produção mundial montava a cerca de 60 milhões apenas.

(Dados estatísticos extraídos do livro de Pires do Rio "O problema do combustível").

Actualmente, os Estados Unidos, a Inglaterra, a Alemanha (incluindo a Áustria), a Rússia, o Canadá, a França, a Bélgica e o Japão produzem 95 % do ferro, do aço e da hulha do mundo, sendo que os três primeiros países (Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha) produzem, só os três, mais de 80 % desses elementos fundamentais da civilização siderúrgica.

Venham-nos agora falar em superioridades raciais!

(15) Vimos, no Cap. I deste trabalho, o aparecimento do motor a explosão na Exposição de Paris de 1867. Era a invenção de Louvrié, a qual vem descrita pormenorizadamente no relatório do cientista português Francisco da Fonseca Benevides. Em 1870, Júlio Hock fêz funcionar em Viena um motor a petróleo. Em 1876, aparece, em forma aperfeiçoada, o motor de Otto. Em 1887, Daimler aplica-o à motocicleta e depois ao automóvel. Em nosso século, o invento é utilizado amplamente na aviação, depois da feliz tentativa de Adler e da experiência vitoriosa do brasileiro Santos Dumont.

(16) Em contraposição às teorias de desigualdade das raças, o escritor Roquette Pinto cita no seu livro "Ensaio de Antropologia Brasileira", transcrevendo-a na íntegra, uma carta do grande sábio naturalista alemão Fritz Müller, o maior observador do seu tempo, na frase

de Darwin. A carta de Fritz Müller (que viveu longos anos e morreu no Brasil) dirige-se a seu irmão Hermann, dizendo-lhe: "Entre os meus discípulos dêste ano o melhor é um preto de puro sangue africano (o poeta Cruz e Sousa): compreende tudo facilmente e tem tal ânsia de aprender como nunca encontrei, mesmo no vosso clima frio. Esse negro representa para mim mais um reforço da minha velha opinião contrária ao ponto de vista dominante, que vê no negro um ramo por toda a parte inferior e incapaz de desenvolvimento racional por suas próprias forças; quando em apolo disto se alega que no seu habitáculo não atingiu nenhum grau elevado de civilização, e por isso se deve ter como incapaz, esquece-se de que há dois mil anos poderiam Gregos e Romanos ter dito o mesmo dos nossos antepassados". (Refere-se aos povos germânicos: anglo-saxões, alemães e escandinavos).

Essas observações de Fritz Müller aplicam-se igualmente em relação aos indígenas brasileiros (tupis e tapuias) que à época do Descobrimento se achavam na "idade da pedra", fase pela qual passaram todos os povos do planeta. A inteligência desses selvagens evidenciou-se muitas vezes com assombro de homens como Montesquieu, que com eles conversou em francês corrente. Mas... aqui está um assunto que, ao transitar por uma nota breve, tenta a pena do escritor convidando-o a largos desenvolvimentos. Deixemos, somente, estas indicações em defesa dos povos latinos e meridionais...

(17) São Paulo, "Epístola aos Romanos", Capítulo I, versículos 22, 25 e 28.

(18) Georges Sorel "Reflexions sur la violence".

(19) Este capítulo VIII, pelo adiantado da hora, foi omitido no Teatro Nacional (Lisboa), na tarde de 25 de Abril de 1944.

A A L I A N Ç A
DO SIM E DO NÃO

(20) Do Capítulo IX o autor suprimiu, durante a conferência em Lisboa, alguns trechos pelo motivo mencionado na nota precedente.

(21) Esta parte final foi apanhada taquigràficamente, no Teatro Nacional, e depois de muitos dias revista pelo autor, que poucas alterações precisou fazer, diante da fidelidade quási perfeita do trabalho dos distintos estenógrafos.

ÍNDICE

NOTA DOS EDITORES PORTUGUESES	5
A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO	17
I — O templo das máquinas	19
II — Voz profética	27
III — O “século das luzes”	35
IV — A civilização siderúrgica	45
V — A sementeira das tempestades	53
VI — Os cavaleiros do Apocalipse	61
VII — A aliança do sim e do não	65
VIII — Velhas fontes de novos erros	77
IX — Evangelização em nosso tempo	81
X — O apostolado lusíada	87
O MISTÉRIO DA CEIA	99
NOTAS	111